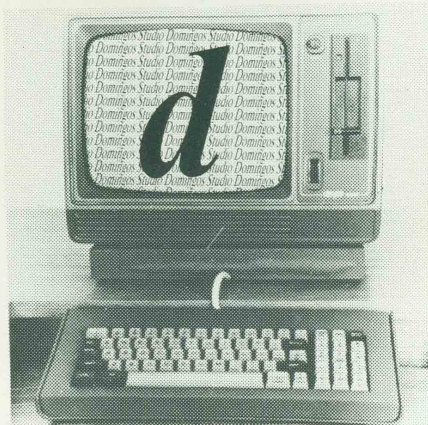


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

29



VAMOS TIRAR DE LETRA O SEU TEXTO.

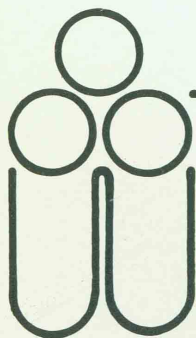


A tecnologia do Computador aliada ao
sentimento de melhor servir.

Studio Domingos

- Fotocomposição • Composição IBM • Forma Composer.
- Diagramação e Arte-final de Livros - Jornais - Revistas
- Relatórios - Balanços - Atas e Editais.

Rua Almeida Sande, 33 - Barris
Tels.: 241-0018 / 243-7237 - Salvador - BA

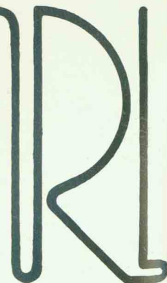


Impressora Rocha Ltda

Policromias Retículas Traços Cartazes

Folhetos Revistas Livros Jornais

R. Nilo Peçanha, 63 - Calçada - Tel.: 313-6511 - Fax: 313-6623 - Salvador-Ba. - C.G.C. 13290481/0001-69 - Inscr. Est. 21.705.500



Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

29

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado, Waly Salomão
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impressão: Impressora Rocha
Revisão: Ivana Santiago



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho, s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025. Tel.: (071) 321-0070.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.
Todos os direitos de reprodução reservados.

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
Haroldo de Campos, José Paulo Paes,
Ricardo Ramos, Jerusa Pires Ferreira,
Boris Schnaiderman, Arnaldo Antunes (*São Paulo*),
Afrânio Coutinho, Antônio Torres, Eduardo Portella,
Sônia Coutinho, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito,
Bella Jozef (*Rio de Janeiro*), Luís Turiba (*Brasília*),
Nádia Gottlieb (*Minas Gerais*),
João de Jesus Paes Loureiro (*Pará*), Marcus Acyolli
(*Pernambuco*), Sérgio de Castro Pinto (*Paraíba*),
Janaina Amado (*Goiás*), Antônio Holhefeldt,
Armando Trevisan, Danilo Uchoa, Moacyr Scliar
(*Rio Grande do Sul*), Haydée Jofre Barroso,
José Maria Paolantino (*Argentina*), Isabel Allende
(*Venezuela*), Gustavo Bustamante (*Colômbia*),
Miguel Bustos Cerecedo (*México*),
Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden, Richard
O'Connell, Tomas Colchie (*Estados Unidos*),
Alice Raillard, Francis Combes, Jean Orecchioni,
René Depestre (*França*), Dario Puccini,
Luciana Stegano Picchio (*Itália*),
José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros,
Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro
(*Portugal*), Xela Arias (*Espanha*), Antônio Olinto
(*Inglaterra*), Theodor Popoff (*Bulgária*), Pavla Lidmilová
(*Tchecoslováquia*), Kostas Assimacopoulos (*Grécia*),
Jorge Kaluguim, Vera Kuleichicova (*URSS*),
Jorge Alfama (*Cabo Verde*), Luandino Vieira (*Angola*),
Rui Nogar (*Moçambique*), Osamu Kumasiro (*Japão*).



Capa: Oferenda a EXU,
de Ronaldo Martins

3
LUIS HENRIQUE
entrevista

11
ANTONIO CICERO

12
WALDIR FREITAS OLIVEIRA

14
FRED GÓES

16
POETAS SUL AFRICANOS
Paulo Colina

22
CAMILLO DE JESUS LIMA
Aleilton Fonseca

24
HELEUSA FIGUEIRA CÂMARA

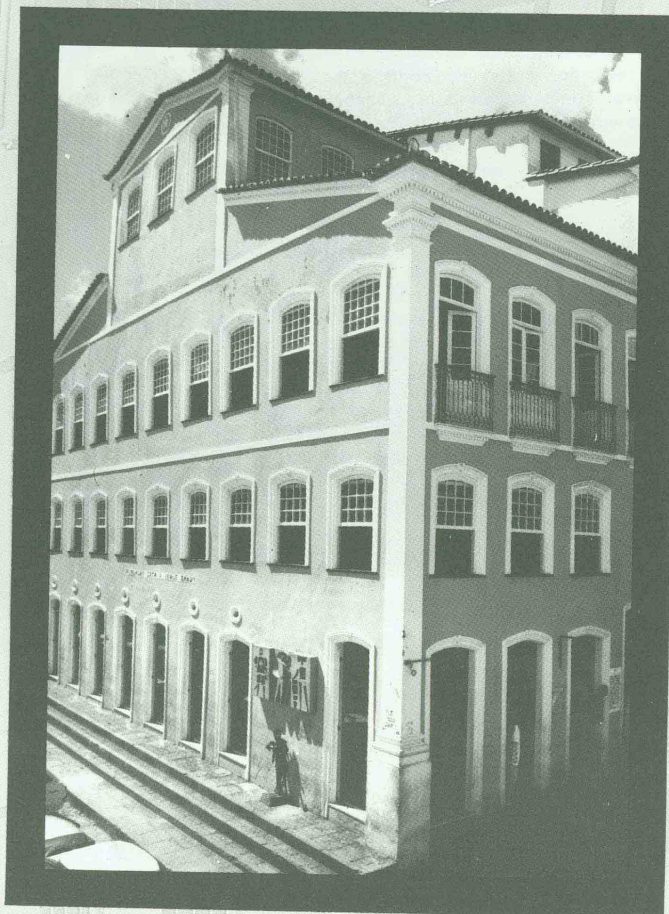
25
INÉDITO
Cacilda Póvoas

26
MARIA NÉLIDA SAMPAIO FERRAZ

28
CLAUDIUS PORTUGAL

Poster

Pintura de Murilo
Texto: Claudius Portugal



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente:

Germano Tabacof

Diretor:

Myriam Fraga

Conselho Curador:

Adary Oliveira • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto • Jorge Calmon
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado • Paloma Amado Costa

(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga
(Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) Thales de Azevedo
(Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres

Conselho Fiscal:

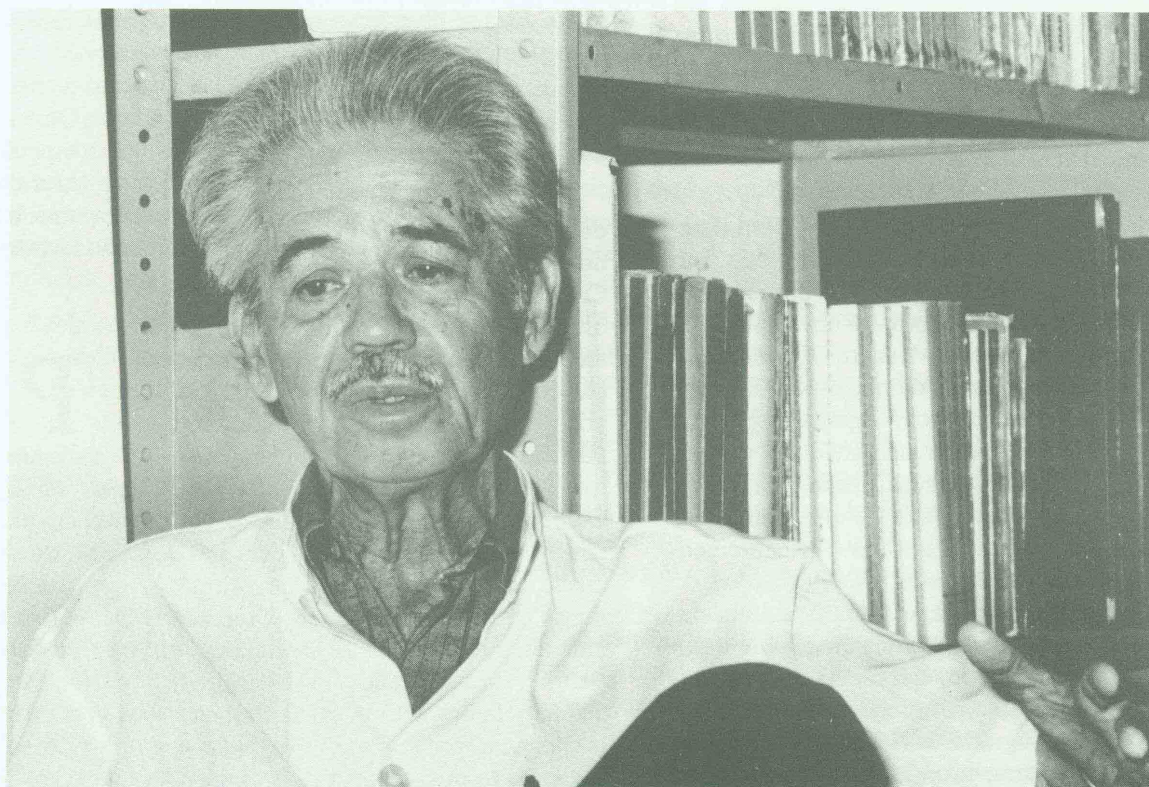
Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Paulo Maciel • Renato Martins

Mantenedores:

Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.
Nacional Iguatemi Empreendimentos

Convênios:

Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia
Fundação Cultural do Estado da Bahia
Fundação Colégio Maior Universitário Casa do Brasil - Madrid - Espanha
Fundação Pedro Calmon • Museu Eugênio Teixeira Leal



Fotos: Adenor Gondim

Luis Henrique

Luis Henrique Dias Tavares, nome de batismo, assinatura do historiador. Luis Henrique, nome do ficcionista. Não os confunde, nem permite que isto aconteça ao leitor. Mas seja qualquer um deles, a Bahia é o tema central de sua obra. No historiador basta citar títulos: “História da Bahia”; História da Sedição Intentada na Bahia em 1798 — a conspiração dos alfaiates”; “O problema da involução industrial da Bahia; “A independência do Brasil na Bahia”, entre outros. No ficcionista, personagens e cenários de suas crônicas e novelas estão em sua cidade natal, Nazaré das Farinhas, e na cidade do Salvador, onde veio morar ainda ginaziano. É com este autor que nunca tentou o romance por achar que este pede imaginação e considera não ter imaginação, já que o que escreve é sua experiência trabalhada de maneira literária, “mas é minha experiência”, que a EXU apresenta um depoimento partindo de uma única pergunta: o historiador atrapalhou o ficcionista ou foi o contrário?

São duas situações diferentes. Primeiro eu sou muito cuidadoso com a palavra historiador. Penso que é muito grande para ser utilizada em relação a mim. Eu sou um estudioso de História, um professor da História, e sou também alguém que trabalha com literatura, mas em duas situações que sempre foram diferentes.

Primeiro existiu um jovem desejoso de ser escritor. Desde cedo, isto posso localizar em 1942, primeira coisa que nós fizemos foi um jornalzinho na cidade de Nazaré. Chamava-se **Parlapatão**. E é onde está o meu primeiro texto com alguma disposição ficcionista. De má qualidade, evidente. Só tem de curioso o fato de refletir a situação agrária do meu município, de Nazaré. É um conto evidentemente inspirado em "São Bernardo" de Graciliano Ramos, onde está um dono de terras raciocinando sobre a sua propriedade, querendo que ela aumente. Não é até coerente com a realidade agrária de Nazaré, ao menos no meu tempo, onde não havia nenhuma grande propriedade de terra, estas já estando muito divididas por inventários, leiloamentos, e o empobrecimento da área. Isto também mostra que este primeiro texto meu não era autêntico, era só o desejo de imitar Graciliano e "São Bernardo". Era o texto de um jovem que tinha um grande tio, Paulo Dias Tavares, este um homem de bom gosto literário, de grande leitura, um auto-didata, e ele divertiu-se muito com este meu primeiro texto, mas deixou que fosse publicado. Fizemos este jornalzinho, uma iniciativa do meu colega Clóvis Neiva Noay, e saiu uns três números. Fazer era muito difícil. Nós estávamos perplexos com o início de uma adolescência cheia de interrogações, com um ginásio sob as limitações do Estado Novo, com professores de qualidade discutível. Fizemos este jornal, do qual jamais consegui encontrar um exemplar. Houve um tempo até que

meu pai ficou cuidadoso em conseguir um exemplar e procurou em Nazaré, na antiga oficina dos Meninos Desvalidos, ele provedor, e nem assim. Tenho só alguma memória das reportagens que nós fizemos, uma das quais era sobre o curtume de Nazaré, que estava pagando a edição, mas nós fizemos uma matéria contra. Tudo que achamos de negativo colocamos no texto. Eles se divertiram muito. Este foi o primeiro instante.

Em 43 eu encontrei o Teatro de Estudantes da Bahia, por causa do meu conterrâneo José Pedro da Cruz Filho, mais velho do que eu, estudante de medicina, mas que teve atenção e convidou-me para participar do TEB, ainda menino. Tinha 17 anos. No TEB conheci Heron de Alencar, e ao conhecê-lo conheci outras variantes e encontrei o Partido Comunista Brasileiro. Era um militante, uma pessoa de uma personalidade extraordinária, uma presença muito grande, carismático, exercia uma liderança enorme, e assim como ele foi o verdadeiro líder deste Teatro dos Estudantes, ele foi também meu iniciante nas primeiras leituras que levavam às respostas do Partido Comunista Brasileiro, do marxismo. O que havia era o Estado Novo, 1937, 2ª guerra mundial, um ano difícil e ao mesmo tempo um ano com possibilidades de mudanças de um quadro horroroso na Europa e no Oriente Médio, na Ásia, porque a China estava ocupada pelos japoneses, parte da Europa nas mãos do eixo nazi-nipofascista. O Brasil tinha declarado guerra ao eixo, nós fizemos campanha anti-fascista, anti-nazista e por extensão ela era também contra o Estado Novo. A nossa primeira militância foi aí, o TEB, que está totalmente esquecido na história política da Bahia. Ele foi um braço do partido comunista brasileiro. Esquecido também como movimento cultural, um grupo teatral que revelou atores e atrizes. Lembrome, por exemplo, dos grandes atores que foram Humberto Penella, René Almeida. Este grupo levou na Bahia, "Casa das Bonecas" de Ibsen, "Deus

lhe Pague" de Juracy Camargo, como também levou peças anti-facista, como "A Quinta Coluna", de um jovem estudante de medicina. José Roberto Fidélis. Estas peças foram levadas em Aracaju, janeiro de 44, e é o fim do TEB. Depois não foi possível continuar. O interventor em Sergipe era o general Alceu Maynard Gomes e foi convidado. Nos deu hospedagem, mas reagiu violentamente ao assistir a peça "A Quinta Coluna", que era anti-fascista, mas era anti Estado Novo. Quis suspender a continuidade dos espetáculos, mas alguém inteligente, próximo dele, mostrou que isto era uma bobagem, e ele exigiu que não levassemos mais aquela peça.

Primero, Maristas, eu fui transferido de Nazaré para Salvador, sem outro motivo além de minha mãe desejar muito que os filhos saíssem de lá. Eu sempre digo aos meus filhos que sou imensamente grato ao meu pai por tudo, mas entre outras coisas por ele jamais ter permitido que eu o ajudasse no armazém, na casa comercial da família. Era um grude, ele próprio foi agarrado, não estudou, não teve um desenvolvimento na vida porque ficou muito seduzido pela atividade do comércio. Considerou que era um futuro, desejava casar-se com minha mãe, os dois eram primos, mas ele não quis que nenhum dos filhos fosse para a casa comercial. E eu sou muito grato a ele por isso. Também ele foi muito seduzido pelas atividades caritativas filantrópicas herdadas de antepassados da família. Santa Casa de Misericórdia, Sociedade Beneficente dos Meninos Desvalidos. Ele fez irmãos da Santa Casa vários amigos, parentes, mas a mim ele jamais convidou para ser irmão da Santa Casa, e também sou grato a ele por isso. Bem eu fui transferido do Ginásio Clemente Caldas, que na ocasião era dirigido por Anísio Melhor para o Colégio Maristas. Estranhei muito. Saí de Nazaré das Farinhas, minha cidade, onde tinha meus amigos de infância. Não podia deixar de sentir a diferença, conquanto estivesse saindo da

5
EU

casa de meus pais para a casa de meus avós maternos, total carinho, atenção, e nisto tive um tifo que era algo muito sério, e foram três a quatro meses doente grave. Quem tinha tifo ia para o ambulatório. Eu não fui por duas decisões: primeiro, do meu pai. Meus avós consideraram que era possível dar-me atenção hospitalar na casa deles e depois por Dr. João Bião de Cerqueira, Dr. Jonga, que considerou a princípio que era um tifo benigno, mas não foi. No decurso da doença eu tive alguns instantes de gravidade. Este tifo fez-me perder um ano nos Maristas e perder também os colegas que começara a ter e não me deu mais condições de continuar. Fui para o Ypiranga, onde terminei o ginásio.

Chego ao Colégio da Bahia como um jovem que tinha passado pelo Teatro dos Estudantes, que tinha conhecido pessoas e que já possuía um outro entendimento político. Estava querendo continuar aquele relacionamento iniciado no TEB, o que eu acreditava ser um pedaço do Partido Comunista, um entre outros do que iria ser o Partido Comunista. Assim, no Colégio da Bahia, foi uma continuidade. Fui um péssimo aluno, o curso em si não estava mais interessando. O que me interessava era continuar aquela luta política. Nós fizemos uma pequena revista chamada **Evolução**, e só teve três números. Hoje é totalmente impossível conseguir qualquer um destes exemplares. Nenhum de nós guardou. Ela foi iniciativa de um jovem colega chamado Isaac Edelweisten, e ele chamou Alfredo Darwin Brandão, colega e dos maiores amigos que eu tive na vida, Boris Tabacof, Ariovaldo Matos, Antônio Carlos Soares. Nós fizemos **Evolução** em 1944. Fizemos assim uma revista que tinha pretensões literárias culturais, mas sobretudo políticas. Fizemos uma revista política. De forma que fomos fechados pelo DEIP, por que nós noticiamos de maneira vitoriosa o fim da luta em Stalingrado, a libertação de Stalingrado. Nós celebramos e foi proibida. Isac fez um terceiro número sem a nossa participação, mas continuou. Esta passagem leva-me também ainda como herança do Teatro de Estudantes da Bahia ao grupo

da UEB, União dos Estudantes da Bahia, onde conheci Carlos Anibal Correia, Raimundo Schaun, Mário Alves, Alberto Vita, João Batista de Lima e Silva, e esse era o Partido Comunista Brasileiro. Então era uma continuidade. Eles fizeram no fim de 44 uma revista jornal com Ramagem Badaró e nós soubemos do preparativo para o lançamento de **O Momento**, e por convite de Joel Muniz Ferreira eu fui para a equipe inicial de **O Momento**. Então, estive desde o primeiro número. Tanto eu como Darwin Brandão, Ariovaldo Matos, Mario Alves, este já em posição de destaque, dirigente, e é quando eu encontro oficialmente o Partido Comunista numa reunião dirigida por Giocondo Dias para estudantes, feita ainda numa fase do partido que era clandestina, mas que foi a inauguração oficial do partido. Nós estávamos trabalhando no jornal **O Momento** e o jornal ainda não era apresentado como um jornal do partido, e sim de frente ampla, da frente contra o Estado Novo. Esse primeiro encontro foi um encontro decisivo. Tudo que ocorrera antes, em termos de militância política, era só um amadorismo. Daí por diante não. Eu tornei-me de fato militante do Partido Comunista e quando este chegou a legalidade em maio de 45, como todos os outros meus colegas e amigos de minha idade, eu filiei-me oficialmente ao Partido Comunista. Aí começa a vida do jornalista.

O estudante deixa de ter a menor importância. Ia ao Colégio da Bahia assistir aula, fazer prova. Em primeiro lugar estava a atividade e o jornalismo onde estava iniciando sem saber absolutamente nada. Lembro-me que meu primeiro texto que fiz a mando de João Batista de Lima e Silva, ele mandou-me refazer dez vezes até aceitar. No jornal eu fui tudo. Repórter de buscar notícia, repórter de fazer entrevista, revisor, substituí secretários, cheguei a fazer artigos, tive uma página literária com alguma presença, uma boa página com

inovações gráficas. Tudo isso já perdido no tempo. Mas essa fase em que já era um jornalista formado e tinha esta página cultural levou-nos ao **Caderno da Bahia**, idéia de Cláudio Tavares, irmão de Odorico, poeta, bom poeta, e um homem extramamente bom. Tímido, era um companheiro do partido, leal, mas não gostava de aparecer como militante. Sabia das posições do irmão, não desejava aumentar os confrontos familiares, o irmão era importante, ele dependia do irmão, de modo que não desejava aparecer como militante, situação na qual aparecíamos todos nós outros. Mas a idéia foi dele e ele conseguiu que Vasconcelos Maia aderisse. Ele, um comerciante, contista, mas antes de tudo um comerciante, segunda pessoa numa casa de miudezas que pertencia ao pai dele, casa de projeção, com sucesso comercial. A adesão de Vasconcelos foi decisiva para que o **Caderno** se fizesse. E foi feita. No **Caderno da Bahia** eu faço a minha inauguração de ficcionista, já muito distante do jovem que tinha escrito um conto calcado no "São Bernardo" de Graciliano Ramos. O **Caderno da Bahia** publicou meu conto "Sábado o dia dos dias" e publicou uma peça de um ato, curiosa peça. As deficiências gráficas eram muito grande e a edição não saiu bem. Mas teve até alguma repercussão em certos leitores. Isso foi apenas uma passagem em 1948, 49, fase muito difícil.

E o importante era o jornal **O Momento**. Eu já era estudante da Faculdade de Filosofia, já fazia o curso de história, mas a minha dedicação era realmente ao jornal como meu dever de militante. Nós todos éramos iguais. Nós pensávamos da mesma forma. Extremamente unidos. E militávamos por convicção, Não éramos obrigados a coisa alguma que nós fizemos como tarefa, e aqui na distância dizer que esta militância

6
EN
era uma militância muito mais de conversa do que de qualquer outra coisa. O Partido Comunista do meu tempo fazia reuniões e reuniões. As suas ações subversivas consistiam somente nas suas reuniões de críticas e auto-críticas, na disciplina, no comportamento fiel a maneira de ser comunista, mas não exercitamos qualquer ação que pudesse mudar a sociedade. Esse aliás é um dos aspectos falhos da atuação do Partido Comunista no período em que exerceu uma curta legalidade. Depois entrou em uma clandestinidade em que havia uma tolerância para sua existência.

Tanto que os nossos jornais continuaram em todo o país. Esse quadro muda depois de 1951 com a guerra da Coreia, o esquentamento da guerra fria. As prisões que foram realizadas em 52, junho, prisões misteriosas, como a de João Palma Neto. Ele tinha sido marujo, jovem enviado pela família para a marinha, num entendimento da sua época de que esta disciplinava e dava futuro, e foi preso. Na ocasião era só comerciante. Ele havia tido atividades marginais a atividades do partido, atividades políficas, foi candidato a deputado, mas ele nunca foi realmente um militante do partido. Ele foi preso. Desapareceu. Ele que já estava casado. Ninguém sabia notícias. Depois o pai dele que era maçom, foi coletando dados e soube que o Palma estava no forte do Barbalho, onde foi extremamente maltratado. Em quinze a vinte dias de prisão perde dezessete quilos. Mas o general comandante da ocasião era um irmão maçom e por exigência da maçonaria ele foi libertado. Nesse interim outros desapareceram. Essas prisões são o começo do fim do governo de Getúlio Vargas, já que ele tinha permitido que as facções fascista, jamais desapareceram de dentro das Forças Armadas, fizessem uma investigação dos militares comunistas. Aí um sem número de arbitrariedades foi cometida

com violência. É uma fase em que o Partido está em crise interna, 1952, e sem dinheiro. O Partido decide então que seus militantes se casassem e que as esposas fossem para a produção, tivessem emprego e que pudessem ao mesmo tempo manterem-se e manter o marido. Isso é de uma ingenuidade sem tamanho. Foi, de fato, como a prática mostrou, de uma total ingenuidade. Todos o que então se casaram, deixaram o partido sem confronto, sem ruptura, como foi o meu caso. Eu casei-me, a minha esposa não conseguiu emprego e eu já era diplomado pela Faculdade de Filosofia em Geografia e História. Fui ensinar. Fui ser professor. Como professor é que começo a me interessar por História. Começo a estudar História e aí começa o trabalho com a História. Vida de professor, de entrar no Colégio Estadual da Bahia às sete horas da manhã e sair todos os dias às onze e quarenta e cinco da noite. As obrigações da sala de aula, a correção de provas, uma quantidade espantosa de alunos, diferentes níveis, alunos de primeiro, segundo e terceiro ano, científico e clássico, jovens das mais diversas tendências, e isto ocupou-me de maneira tão completa que tive de deixar totalmente a militância. Afastei-me do jornal. Isto com o entendimento, a compreensão e a aquiescência dos camaradas da direção do Partido. Fiquei só como professor. Como é que este professor chega a História? Por causa do seu professor Wanderley Pinho. Foi este que me cobrou eu estar só como professor do Colégio da Bahia. Ele me disse: "o senhor não é para ficar apenas como professor.

Foi um aluno interessado, bom aluno, e em quem sempre vi um futuro. Quero que o senhor reexamine e volte a estudar os temas de História". E aí vendeu-me o tema do movimento de 1798. Ele pessoalmente tinha muitas reservas ao famoso livro de Afonso Rui, "A Primeira Revolução Social do Brasil". Insistiu para que reestudasse o assunto. Deu-me indicações. Orientou-me. E eu escrevi entre 54/55 o trabalho "Introdução ao estudo das idéias revolucionárias de 1798", estudo que pude fazer e escrever trazendo um pedaço grande da minha fase de

militância no Partido Comunista. Este trabalho teve repercussão e por causa dele fui convidado depois para fazer as pesquisas de educação que deveriam formar o livro sobre o sistema educacional baiano, da responsabilidade do educador Jaime Abreu, mas aqui na Bahia na responsabilidade do meu amigo e colega Arari Sampaio Murici. Este trabalho foi pesquisar educação. Jamais foi publicado. Pesquisei um outro trabalho, pedido pelo mestre Anísio Teixeira, para uma série que ele tinha idealizado para todos os Estados "Fontes para o Estudo da Educação". Ele desejava que existisse para cada Estado brasileiro. Mas só foi feito o da Bahia e foi feito principalmente por mim. Fui eu quem levantei todo o material, extenso, davam dois volumes. O Conselho Brasileiro de Pesquisa Educacional publicou um — "Fontes para o Estudo da Educação/Bahia", e isto deixou-me tão ligado na educação que o mestre Anísio fez-me funcionário do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, onde fui documentarista e tive entre outros privilégios que a vida já me deu, o de ter trabalhado com a correspondência de mestre Anísio, de ter começado a ordenar, e que por morte dele a família doou ao CPDOC. Está todo lá. Devo ter sido a primeira pessoa que começou a dar ordem a essa enorme correspondência.

Aqui há uma certa atrapalhão cronológica, pois em 61 eu já tinha deixado o CRINEP. Em 57, João Falcão e Zitelmann de Oliva, Milton Cayres de Brito, que ainda era clandestino, usava um codinome, respondendo por um velho processo contra os dirigentes do comitê central do Partido Comunista, tiveram a idéia de fundar, o **Jornal da Bahia**. Eu fui convidado pelo Zitelmann, amigo fraternal, amizade iniciada também no Partido Comunista. No **Jornal da Bahia** é que começa o cronista. No meu tempo de **O Momento** escrevia artigos violentíssimos, editoriais não menos violentos, tópicos violentos, muitas reportagens, textos, e nas fases difíceis

de **O Momento**, eu como outros companheiros, Quintino de Carvalho, por exemplo, tivemos ocasião de fazer o jornal todo. Da manchete principal ao final. No **Jornal da Bahia** apareci cronista. Nunca tinha feito antes, Zitelmann perguntou-me se poderia ser. Disse, vamos experimentar. Coube-me três crônicas por semana, numa coluna que tinha o título “Cidade, Homens e Bichos”. Vasconcelos Maia foi convidado também para fazer três crônicas. A aprendizagem do cronista foi no dia a dia, no jornal. Inúmeras crônicas foram escritas sob a pressão do secretário. Essas crônicas tiveram público e foram para livro por iniciativa de Jorge Amado. Ele estava voltando para a Bahia, estava se relocando na Cidade do Salvador, onde ele viveu plenamente e de onde se afastou por exigência da militância política, e depois por exílio. Jorge foi quem perguntou-me se eu não queria algumas daquelas crônicas em livro e foi quem tomou todas as providências para que fosse publicado **Moça sozinha na sala**. Levou para a editora dele, para o José de Barros Martins, Editora Martins. Também teve repercussão e, sei, que quase que totalmente por causa de Jorge. Várias colunas da época comentaram o livro, fizeram notas, foi todo vendido. **Moça sozinha na sala** deu inauguração nacional ao cronista Luis Henrique. É ainda Jorge Amado quem patrocina o meu segundo livro de crônicas, **Menino pegando passarinho**. Foi quem reuniu as crônicas, levou para Eduardo Portela, então iniciando sua experiência de editor, com a Tempo Brasileiro.

A vida não fica parada. Eu, do **Jornal da Bahia** desliguei-me em 1963. Acaba o cronista por um tempo. Outras atividades. Por causa do **Jornal da Bahia** eu fui convidado para ser o Diretor do Arquivo Público do Estado. Não tenho a menor ilusão. Não foi por minha “História da Bahia”, que tinha sido publicada um pouco antes. Foi por causa do **Jornal da Bahia**. Fui convidado pelo Dr. Josaphat Marinho, que le-

vou-me ao governador Juracy Magalhães, um homem generoso, que não tinha se esquecido de dois terríveis artigos que eu escrevera no **O Momento** contra ele. Artigos violentíssimos, da mais completa falta de respeito. Ele lembrava-se e isto não foi motivo para que vetasse a escolha do Dr. Josaphat. Aceitou-me diretor e dele tornei-me amigo, e sou amigo do governador Juracy Magalhães. Entre os privilégios da vida, tenho este de dizer que sou amigo de Juracy Magalhães. E de ter dele uma quantidade de manifestações de apreço, de agrado. Certa feita, já quase no final do governo dele, antes da pancada dolorosa da morte de Juracizinho, ele disse que eu era dos melhores diretores que ele tinha no governo dele. O cronista voltou em 66 em **A Tarde**. Estas deram-me o livro **Homem deitado na rede**, livro no qual há crônicas bastante mais trabalhadas do que nos anteriores. Crônicas com algum nível literário, mas que foi lançado numa fase péssima, em 1969. A Organização Simões esteve muito tempo com os originais. Quando levou, eu era um alto funcionário do governo Luiz Vianna Filho, diretor do Departamento de Ensino Superior e Cultura, o DESC, e quanto ele foi lançado eu era alguém que tinha sido preso, processado, e ainda sob ameaças que eu próprio desconhecia da parte de muitos oficiais do Exército sediados na Cidade do Salvador, convencidos bobamente que eu continuava um militante do Partido Comunista. Jamais acreditaram na verdade que é verdade.

Em junho de 1952 desliguei-me do Partido, sem rupturas, mas nunca mais voltei a militância, e desta data em diante nada sei do Partido Comunista, das suas decisões. Mas digo-me comunista, nunca neguei, mesmo nestes interrogatórios disse: sou comunista, porque tenho uma concepção de vida e da sociedade que é uma concepção marxista, uma concepção dos

comunistas, mas não sou comunista porque eu não exerço militância no Partido Comunista e no Partido aprendi que só é comunista quem exerce a militância no Partido. Pelo menos, no meu tempo, esta era a noção que havia entre nós. Não sei hoje. É possível que seja diferente.

Vejam você a caminhada e nesta as passagens, não dramáticas, passagens quase que insensíveis de uma situação para outra, de uma atividade para outra, até ficar como sou hoje, muito dividido entre as atividades do trabalhador de História e as atividades que me são extremamente gratas de ficcionista.

Eu sou mais conhecido como trabalhador de História. Como tal tenho uma quantidade de publicações que foram felizes na aceitação de meus colegas nas mais diferentes universidades do país. Nesta Universidade Federal da Bahia, hoje aposentado, fui professor durante trinta e seis anos e alguns meses, de modo que é a minha casa. E aqui continuo pela atenção de meus colegas e minhas colegas, sobretudo de Maria José de Souza Andrade, com o mesmo gabinete que sempre tive, boa parte dos meus livros e ainda com atividades na pós-graduação de História. A ficção é todavia o meu chamamento mais antigo, aquele que iniciou-se quando eu tinha dezesseis anos e é o que mais se repete. Eu tenho jogado grande parte do meu ficcionismo nas minhas crônicas. Em maio de 91 voltei as atividades de cronista, no jornal **A Tarde**, muito desejoso de largá-las, pois elas pedem tempo, emoções, e eu tenho a consciência de que este tempo e emoções deviam estar na ficção, num trabalho maior. Mas por que não deixo? Posso deixar até daqui

a pouco, mas é por causa dos leitores. É uma coisa muito forte. Leitores que escrevem, que telefonam, que falam na rua e se declaram leitores. Isso abre uma obrigação e por isto continuo.

Tenho mais ou menos oito meses que iniciei uma novela e nela tenho ido e voltado e que tem uma aparente linha policial, mas que é política como tudo que escrevi na vida. As minhas duas novelas, o **Sr. Capitão** e **A Heróica morte do combativo guerreiro** são satíricas, como tais foram recebidas, alguns até registraram que são engraçadas, com instantes humorísticos, que elas tem, mas elas são políticas. Elas foram concebidas e escritas contra o autoritarismo. Contra ditadores de todas as formas, grandes e pequenos. Desde Getúlio Vargas, General Médici até o sargento de polícia que por alguns meses infelicitou a cidade de Nazaré com sua arbitrariedade e seu mandonismo despropositado. Fiz as duas novelas na raiva contra 1964.

(Capítulo da novela

DEUS A LEVE E NÃO A DEVOLVA,

concebida em quinze capítulos,
dos quais Luís Henrique
já escreveu nove.

Ele diz que o tema é
o assassinato de uma menina,
mas que a intenção é política.

A ação da novela
se passa no final
de 1942).

2. Os Poetas

O comissário Oséas saiu do edifício **Aliança** e se dirigiu para o da Polícia. Foi direto ao gabinete do Delegado Auxiliar.

Perguntou:

— O doutor delegado está?

A mocinha na ante-sala informou que o delegado saíra em diligência.

— Dê-me um papel, pediu o comissário.

Ela abriu uma gaveta da mesa em que se encontrava sentada e estendeu uma folha timbrada, sobre a qual o comissário escreveu rapidamente: "Dr. Leônicio: Estou com o caso da menina morta no edifício **Aliança**. Não vou deixar. Por favor, segure as pontas". Assinou. Pediu envelope, fechou e colocou: "Para o Dr. Leônicio Azevedo, MD Delegado Auxiliar. Urgente!".

Entregou.

— Quando o doutor delegado voltar, dê a ele.

— Darei, comissário, aquiesceu a mocinha. Ela conhecia o policial e não entendia a atenção que o delegado auxiliar dispensava àquele homem grosso, mal vestido e fendendo a cerveja. O doutor Leônicio era limpo, elegante e educado. Um homem fino. Mas já verificara que tinha atenções especiais para aquele comissário, e isto, ela aprendera, exigia cuidados.

— Até a próxima, despediu-se o comissário Oséas.

O comissário Oséas tomou o elevador e desceu na bela e ampla entrada do edifício, o novo prédio da Polícia.

O comissário saiu para a praça da Piedade, a noite batendo sobre a cidade mal iluminada. Pessoas circulavam na praça ou ficavam paradas olhando a fonte luminosa ou se divertiam com miss Piedade, naquele noite vestindo rosa choque combinando com verde garrafa, a face muito pintada e um chapéu florido na cabeça.

— Miss...

— Boa noite, comissário.

O comissário Oséas virou para o relógio de São Pedro, alcançou o largo de São Bento, desceu a ladeira, olhou rápido o **Bob's Bar** e venceu a subida da praça Castro Alves, o poeta com a mão estendida, os dedos crispados, declamando em solidariedade à França invadida pelos alemães.

Mais alguns passos na rua da Ajuda e o comissário chegou ao **Café das Meninas**, ponto habitual de encontro com os quatro poetas seus velhos amigos, aos quais unira-se recentemente o poeta sergipano Luciano Lacerda, um quase mouro pela cor. Bebia cachaça como se fosse água.

O comissário foi chegando.

— Boa noite, Martinho, disse para o garçon.

— Boa noite, comissário. Vai uma geladinha?

— Como sempre.

Falou e se dirigiu para a mesa de tampo metálico em que quatro homens atentos escutavam o último verso de um soneto:

Morta, de morte feia e impura, ela sorria

Esperou o final do verso e puxou uma cadeira. Quem declamava era o poeta Flávio de Paula, homem reconhecidamente de família, bom marido e bom pai, mas um boêmio, talvez boêmio de literatura, pelas noites alongadas e os cálices de cambuí que ele bebia em pequenos goles. Na sua forma discreta, o alfaiate e poeta Bráulio de Abreu bebia cerveja; poucas vezes declamava. Mas todos o reconheciam exemplar sonetista. Até Fábio Amado, que desconhecia patentes, elogiava os sonetos de Bráulio.

— É o maior sonetista da Bahia, dizia.

Fábio bebia de um tudo e era difícil encontrá-lo sóbrio. Tinha o rosto vermelho e manchado.

— Boa noite, saudou o comissário.

— Demorou, comissário, reparou Eduardo Tudela, português que não perdera o sotaque, não obstante vivendo na Bahia há muitos anos, ademais casado com baiana que vendia acarajé na porta do **Triunfo**. Apresentava-se: publicitário. Não fazia sonetos, mas declamava Antonio Nobre.

— Tive um crime de morte, disse o comissário.

— Crime de morte? interessou-se Luciano Lacerda, aquele homem magro e escuro que aparecera por ali em noite de chuva e fora aceito ao declamar o soneto **Praia de Atalaia**.

— Uma menina foi morta.

— Mataram?

— Mataram. Ainda não sei como e porque, mas Pitex vai aparecer aqui e nos dirá.

— Puta? indagou Fábio Amado.

— Putinha, precisou o comissário. Tinha um senhor.

— Grande sacana!, sentenciou o poeta e arrotou.

Martinho chegava com a cerveja do comissário. Equilibrou o gargalho da garrafa na beira do copo e verteu o líquido de modo a não formar colarinho.

Luciano Lacerda estendeu o copo vazio.

— Outra, Martinho.

Martinho observou:

— É a terceira, doutor Luciano.

— Esta ãa medida. Tomo cinco por noite.

— Outro sacana! falou Fábio Amado.

Martinho se afastou.

O comissário bebeu o primeiro copo de sua sexta cerveja do dia. Às vezes de uma jogada só, mas, de outras, bebia, parava. Eles o conheciam e sabiam que procedia assim quando estava preocupado com algum problema.

— Continue, Flávio, convidou Luciano Lacerda.

Flávio de Paula encostou o cálice de cambuí no tampo metálico.

— Amanhã. Você sabe, Luciano, soneto tem exi-

gências, a gente tem que medir as sílabas e metrificar sem forçar. Esse ainda está imperfeito.

— O que você acabou de declamar está perfeito.

— Não bula, deixe como você apresentou, estimulou Fábio Amado.

Bráulio de Abreu opinou:

— Esse “Morta, de morte feia e impura, ela sorria”, é um achado.

— Quase concordo, sorriu Flávio de Paula. Mas ainda quero trabalhar nele.

— É perfeccionismo, disse Eduardo Tudela. Já ouvi dizer que Alberto de Oliveira levava seis meses para considerar um soneto pronto.

— Era Alberto de Oliveira...

— Bilac também demorava, acrescentou Bráulio de Abreu.

— O homem do “Ouvir estrelas”? Grande sacana!, disse Fábio Amado.

— Veja como fala, Fábio!, encrespou Flávio de Paula. Bilac sempre será Bilac.

Fábio Amado manteve:

— Tenho dúvidas, Flávio. Concordo que ele teve uma fase, depois ficou patrioteiro e perdeu o metro.

— Não concordo, disse Flávio de Paula.

Iam discutir. Isto era quase inevitável: todas as noites aqueles dois amigos, poetas ambos, discordavam em algo, fosse a respeito de Olavo Bilac, fosse a propósito de soneto alexandrino ou do que se apresentasse na hora.

— Vai proibir?, rugiu Fábio Amado.

— Não, disse Flávio de Paula. É um direito seu não gostar de Bilac e é um direito meu amar esse artista do verso.

— Grande sacana!

— Fábio...

Martinho chegou com o copo de cachaça para Luciano Lacerda e Luciano Lacerda tomou de um trago. Sem respirar. Era sabido que ele tomava cachaça dessa forma, mas causava admiração todas as vezes que entornava o copo. Por isso mesmo repararam o rosto de tuareque fosco sob a luz, a mão na pasta de couro que todos sabiam existir vazia.

O comissário bebia e pensava. Por instantes considerou o quanto parecia estranho a muitos assistí-lo bebendo em companhia de poetas, ele, policial sem letras e gosto literário. Ele próprio indagava-se porque o aceitavam. Em lugar de respostas, lembrava-se apenas que certa noite bebendo sozinho e eles o chamaram para a mesa em que consumiam versos, cambuí, cachaça e cerveja.

Luciano Lacerda dirigiu-se ao comissário:

— Preocupado, comissário?

— Na medida normal, respondeu o comissário Oséas.

— Vejo. É por causa da menina assassinada?

— E a vida, Luciano. Eu...

Calou-se no instante em que se aproximou do grupo um ser ainda mais estranho e curioso que os cinco poetas: o Sujo. Vestindo branco, igualmente brancos os sapatos e o chapéu, todo ele formava uma brancura que se completava no rosto e nas mãos. Parecia não ter sangue.

— É o Sujo, gente, saudou Eduardo Tudela. Cuidou de colocar para o convidado uma cadeira entre Flávio de Paula e Fábio Amado.

— Mais um sacana, disse o poeta do **Soneto do Marselhês**. E arrotou.

O Sujo riu.

— Está numa grande noite, Fábio. Parabéns.

— Sou outro sacana nesse mundo de sacanas.

O Sujo sentou.

— Não sei. Como sabem, sou apenas o Sujo.

No que falou, correu uma corrente de ar, fria e agourenta.

— E o nosso comissário?, perguntou o Sujo. Está pensativo...

Eduardo Tudela informou:

— É o caso da menina morta no edifício **Aliança**.

— Sei de tudo, afirmou o Sujo.

O comissário afastou a cadeira:

— Sabe como?

— Casteleira de Mãe Véia. Saiu prá viver às custas de um velho chuparino. E morreu às seis horas de hoje.

O comissário insistiu:

— Como sabe?

— Sei. É o bastante, comissário.

Em seguida se levantou (nunca bebia), educado e gentil. E desapareceu.

— O Sujo é misterioso..., comentou Flávio de Paula.

— Grande sacana, só isto, fechou Fábio Amado.

— Ele sabe coisas..., disse o comissário.

— É porque vive no puteiro, opinou Luciano Lacerda. Dorme durante o dia e circula à noite.

— E se for o Diabo?, indagou Eduardo Tudela.

— Nada demais, disse Luciano Lacerda. Seja como for, é vivente.

Bateu onze horas no relógio de pêndulo localizado à direita da entrada do **Café das Meninas**. Com o charuto apagado na mão, apareceu o legista Charles Pitex.

Pediu:

— Um cognac, Martinho.

— Senta, Pitex, convidou Eduardo Tudela, indicando a cadeira em que o Sujo estivera sentado. Charles Pitex aceitou o assento e recebeu o cálice de **Maceira** que Martinho lhe estendia.

Tomou um gole e soltou a notícia:

— Os alemães torpedearam mais um navio brasileiro. Escutei há pouco no rádio do Nina.

— Filhos da puta!, xingou Luciano Lacerda.

— Grandes sacanas, secundou Fábio Amado.

— Isso é mal, completou Flávio de Paula.

O médico legista gesticulou com o charuto:

— Não sei, Flávio. Mas vejo que vamos entrar na guerra.

— Guerra?

— Guerra. O Brasil não pode continuar na indecisão. Os Estados Unidos não vão permitir.

O poeta Flávio de Paula lembrou:

— O interventor é casado com alemã.

— Pior para ele, sentenciou o legista.

— Bois, vacas, porcos, cavalos. É disso que tem cuidado.

O comissário bebeu dois copos de cerveja seguidos. Fraternal, o legista Charles Pitex o abraçou pelo ombro e o ajudou a se erguer.

— Boa noite, poetas.

Bráulio de Abreu declamou:

“Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplandente de sol, de sangue fumegante,
O raio iluminou a terra...”

— É seu, Bráulio?, perguntou Luciano Lacerda.

— É de Pedro Luís.

Descera um silêncio, todos considerando o que viria.

Pitex foi saindo com o braço no ombro do comissário.

— Quero lhe falar da menina.

— Percebi.

— Tinha esperma no estômago, na vagina e no conduto retal.

— 16 anos...

O comissário olhou para um lado e outro da rua Padre Vieira.

— Sinto-me triste, Pitex.

— Vá prá casa, irmão.

— Vai ser pior. Marieta vai me chamar de bebedor e eu vou xingar ela de puta.

— Talvez não...

— Por que não? É sempre assim, todas as noites.

— Um dia cansa, acaba.

— Não acredito. Mas vou prá casa.

Equilibrou o corpo, barriga de cervejeiro, pesado como âncora.

Despediu-se:

— Nos falamos amanhã.

Saiu andando pela rua do Tesouro, desceu para a Ruy Barbosa e passou para a ladeira da Praça. Ainda precisava andar um bom pedaço até alcançar a rua Manuel Beckmann, na qual tinha casa há vinte e cinco anos.

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda nada. Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que um pássaro sem vôos

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

CASA FORA

em que canteiro esqueci o leão que eu cavalgava?

e as figueiras centenárias
em que alameda as plantei?

e o veneno que distilei
em que tecido

ainda

arde

?

Que porta dá para os monstros?

Jean Le Corse

Nunca pensei que acordaria na Córsega.

Este não é o meu quarto. Nem esta a minha cama. Aquela janela sem vidros, de madeira maciça, me é completamente estranha. Alguma cousa, no entanto, me diz que estou na Córsega. Mais precisamente, nos arredores de Ajaccio.

Abro a janela e avisto, do alto, o mar distante. Profundamente azul. Há penhascos negros enormes sobre a costa que se encurva, sinuosa, formando baías e enseadas. Não existem ondas lançando-se contra as rochas. Sei, porém, com certeza, que nunca estive na Córsega. Sinto, no entanto, que conheço esta paisagem.

Bateram, agora, à porta. Deparo-me, ao abrí-la, com uma jovem esbelta, de rosto corado, cabelos claros mal ocultos sob um toucado branco, vestida, suponho, com trajes típicos dos corsos. Só que nunca os vi antes e não posso afirmar que sejam desse modo.

Trouxe-me uma bandeja de frutas — uvas, maçãs, peras e pêssegos, uma caneca de leite, pão preto e dois tipos de queijos que não reconheço mas parecem apetitosos. Falou alguma cousa que não entendi. Não sei que língua falam os corsos. Também não sei porque estou aqui.

A moça é bonita e me atrai. Passo a desejá-la. Mas não sei lhe dizer isso. Por mais que me esforce não consigo que me entenda numa só palavra.

Ela se foi e torno a olhar pela janela. Vejo, de novo, o mar e os penhascos. Devo ter aprendido na escola que a Córsega é uma ilha montanhosa. Só assim se explica como a vejo dessa forma. Pois sei bem que, ontem, me deitei, não muito cedo, na minha cama, em meu quarto, no prédio onde moro, na minha cidade e não descubro, por mais que deseje, saber como cheguei à Córsega.

Abro uma gaveta da mesa de cabeceira e encontro um prospecto, escrito em inglês, falando da ilha — ele me diz que por ali passaram, em outros tempos, etruscos, cartagineses, romanos, godos, vândalos, lombardos, bizantinos, sarracenos, francos e mouros. Que depois chegaram os de Pisa, os de Aragão e os Gênova. Que ela se tornou francesa em 1768, quando os genoveses a venderam a Luís XV, Rei de França. Pergunto-me, então, como serão, hoje, os corsos, após a passagem de tanta gente.

Ando pelas ruas de Ajaccio. Ou de onde julgo que seja Ajaccio. Sinto-me um estranho. Tenho a nítida impressão de haver entrado num sonho errado. Dormi, ontem, na Bahia; e, hoje, acordei nesta ilha, depois de uma viagem da qual não me lembro, realizada em tempo e dimensão fantásticas.

Volto ao quarto e procuro nos armários a minha bagagem. Não trouxe comigo nada além da roupa que tenho sobre o corpo. Acordei com ela. Com terno, camisa e gravata, meias e sapatos. Recordo, então, ter estado, na noite passada, numa festa de aniversário, onde talvez haja abusado de bebidas fortes. Mas continuo a indagar — porque a Córsega? Dela só sei, com certeza, que aqui nasceu Napoleão Bonaparte.

De novo, a moça. Sem palavras a abraço. Ela se mostra dócil. Fazemos amor e ela me fala cousas em língua que não entendo. Imagino que sejam as mesmas que todas as mulheres dizem na hora do prazer. Ditas, assim, porém, de modo estranho, se tornam excitantes.

Depois ela se foi e fiquei, outra vez, sozinho no quarto. Senti, então, que iria adormecer.

Frente aos meus olhos, luzes coloridas começaram a girar como cataventos endoidecidos sob o sopro das brisas vindas do oceano; misturam-se como, dentro dos copos esguios, de vidro, na infância, as cores das bolas de sorvete, quando as penetrava com colheres prateadas e compridas. Sinto-me a vagar por um país de encanto.

Acordo, agora, em meu próprio quarto, na minha própria cama, em minha própria cidade. Levanto-me,

rápido, e passo a fazer, imediatamente, as malas. Irei viajar para bem longe. Não sei, porém, para onde.

Começo a correr, em meu carro sobre a estrada; e percebo que estou a vencer encostas de montes elevados. Prossigo a viagem e chego ao alto. Impressiona-me o que vejo do topo — montanhas monumentais de pedra, nas quais tons variados de cores vão do verde escuro e azul marinho ao branco pérola.

Os montes ostentam formas que me fazem lembrar caras e bichos. Formam vales que julgo não terem fundo, pois por mais que, debruçado à beira dos seus paredões, olhe para baixo, não consigo enxergar até onde se escondem chão a dentro. Enxergo, ao longe, imensa queda d'água, que se despenca, alva, das abas de uma serra cujas faldas refletem, de modo bizarro, os raios do sol que se eleva, atrás de mim, no horizonte distante.

Há um vilarejo encravado num vale próximo. Suas casas baixas, pintadas de branco, com coberturas de telhas-vãs, me atraem. Chego até lá e não digo palavra. As pessoas me cumprimentam e finjo não entender o que falam. Limito-me a balançar a cabeça e a esboçar sorrisos. É o que posso fazer se quiser manter em segredo a minha identidade. Pensam que sou estrangeiro. Levei-os a crerem nisso depois que resolvi começar a falar uma série sem nexo de palavras que a memória foi buscar no passado — no grego, no latim, no alemão, no francês, no inglês, e até no russo que, certa vez, comecei a aprender.

Trouxe comigo minhas roupas, meus livros, todo o dinheiro que possuo. Por gesto faço compreender que pretendo comprar uma casa com quintal e algumas árvores. Consigo, com algum esforço, realizar o negócio desejado.

Tive a sorte de ter encontrado uma casa mobiliada. Nela moro, sozinho, alvo da curiosidade de todos os que vivem na localidade. Sinto, então, que devo dar-lhes uma satisfação. Começo a lavrar numa lasca de tronco de madeira que achei no quintal, um nome que escolhi. Gravo a fogo na madeira — **Jean le Corse**. Irei, de agora por diante, chamar-me assim. Prendo, a seguir, o leiteiro na cerca da frente, ao lado do portão que dá acesso à casa.

Constitui um espanto para aquela gente saber que um estrangeiro passou a morar no povoado. Todos querem saber, porém, de onde vim. O nome gravado na madeira não os ajuda, em nada. Não sabem cousa alguma sobre a Córsega. Nem imaginam que os lá nascidos sejam chamados **corsos**. Esta é uma palavra que, por certo, nunca viram.

Ando pelas ruas do vilarejo. Todos procuram se mostrar amáveis. Me cumprimentam com sorrisos largos. Desejam muito se aproximar de mim. Não os rejeito mas os mantenho à distância. Sem mesmo saber porque.

No quarto procuro entre os livros que trouxe, encontrar algum que me fale da Córsega. Busca inútil. Acho, contudo, entre os romances, uma edição antiga, já muito estragada, de **Os Irmãos Corsos**, de Alexandre Dumas. Passo a relê-la, mas muito pouco me diz da ilha onde nasceram seus dois principais personagens. Sinto vontade de ser corso de verdade; sem que entenda a razão dessa minha vontade.

Ao fim de uma semana reconheço que preciso de alguém que me ajude a cuidar da casa e me prepare, ao menos, duas refeições diárias.

Consigo, afinal, contratar alguém. Ela surgiu, descalça, cabelos escuros soltos, rosto moreno acobreado, trazendo sobre o corpo apenas um vestido de tecido barato. Irei comprar-lhe, logo, roupas novas e um par de sapatos.

Ontem não resisti ao desejo que me despertou desde que veio. Tomei-a nos braços. Não disse palavra. Talvez já esperasse que eu agisse assim. Dos seus lábios ouvi, apenas, suspiros leves, depois, profundos, que deles se esgueiraram. Talvez receiasse dizer qualquer cousa que não devesse. De qualquer jeito, se acontecesse, eu fingiria não entender suas palavras. Tenho que manter o mistério que me cerca. Continuar a ser **Jean le Corse**.

O corpo da moça era igual ao de qualquer outra mulher no mundo. Inclusive ao da jovem de Ajaccio.

Não há dúvida de que, no âmbito literário brasileiro, Jorge Amado é o escritor cuja obra mereceu o maior número de traduções para outros idiomas e adaptações para diferentes meios de comunicação. **Gabriela, Tenda dos Milagres, Tieta** são alguns exemplos vivos na memória de nossa retina televisiva.

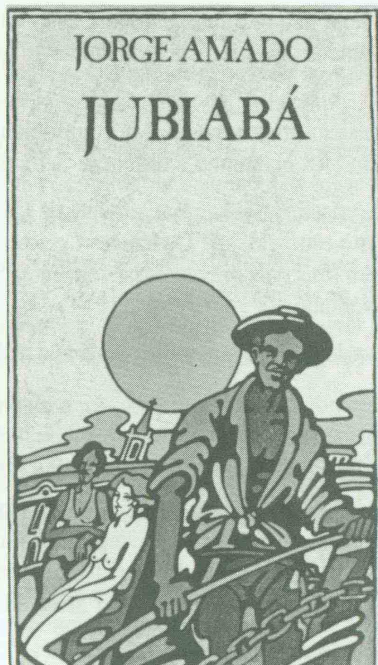
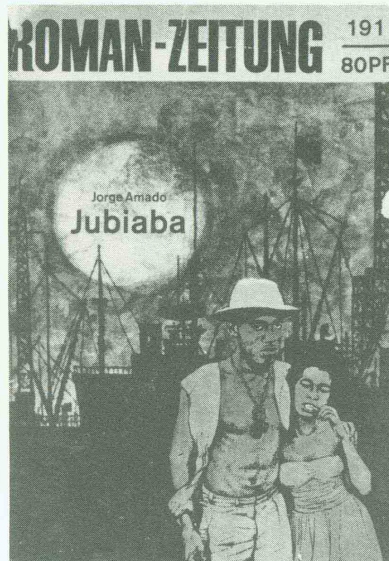
Isto ocorre, certamente, porque o texto de Jorge recria ficcionalmente, e com inigualável qualidade literária, a pujança do universo popular baiano, prenhe de contrastes, confrontos e misturas múltiplas, que tão bem representa a nossa barroca e carnavalizada brasilidade. Ao metominizar, no espaço da Bahia, a alma brasileira, Jorge a universaliza. Ele sabe como ninguém manipular sua biculturalidade quando tece o texto erudito com a trama popular. Aí está, seguramente, a fórmula mágica que fascina os leitores de origens tão diversas, não importa em que língua seja a obra traduzida. Aí está também, o mapa da mina que provoca outros autores a transcreverem ou transcreverem, como preferem dizer os concretistas, os seus textos, transformando-os em peças teatrais, novelas radiofônicas e televisivas, caso especiais, filmes, histórias em quadrinhos, enfim, nas mais variadas formas de expressão.

Jubiabá é um caso exemplar deste fato. O romance teve sua primeira edição no ano de 1935 e nunca mais deixou de ser editado, traduzido e adaptado para diferentes veículos. Há edições em tcheco, romeno, húngaro, polonês, espanhol, inglês, francês e em uma babel de outras línguas. Foi adaptado para o teatro em duas diferentes realizações — por Roberto Alvim Correia e por Miroel Silveira. Tornou-se filme na lente maestra de Nelson Pereira dos Santos. Mereceu adaptações para o rádio e para a TV, além de ter-se transformado em “cartoom”, enfim, **Jubiabá** é uma glória literária e multimídia.

Aqui me atenho a uma das transcrições ainda não mencionadas: a canção composta por Gilberto Gil como tema central para o filme de Nelson Pereira dos Santos. Gil, com sua baiana sabedoria poético-musical reconta ou recanta na forma de canção as aventuras de Antônio Balduino, o personagem central do romance. Baldo, como é chamado pelos íntimos na realidade ficcional, é o personagem que guarda todos os atributos necessários ao que chamamos de herói. Baldo é um verdadeiro Indiana Jones baiano. Reúne toda a força mítica de Ogum, a nobreza de Zumbi dos Palmares, a valentia do João da famosa canção de Dorival Caymmi (“João Valentão”). **Jubiabá** é o velho pai-de-santo, um Oxalufã revivido no real romanesco. É o protetor de Baldo, o que lhe dá a guia.

Gil, em sua canção, transcreve poeticamente, de maneira primorosa, o universo do negro Baldo, lendário personagem que, de tão lendário, já merecera um ABC (versos de Cordel) ainda no romance de Jorge Amado. A história termina exatamente com a transcrição do “ABC de Antônio Balduino” e diz:

*Este é o ABC de Antônio Balduino
Negro valente e brigão
Desordeiro sem pureza
Mas bom de coração.
Conquistador de natureza
Furtou mulata bonita
Brigou com muito patrão
.....
morreu de morte matada
mas ferido a traição.*



um fenômeno

professor de literatura da Faculdade de Letras da UFRJ,
poeta, ensaísta, tem publicado o livro *No país do carnaval elétrico*,
letrista, com parceiras com Moraes Moreira,
Armandinho, entre outros.

E a canção de Gilberto Gil complementa o alfabeto ao cantar o lendário Baldo nos versos que se seguem:

JUBIABÁ (Tema de Baldo)

Negro Balduíno belo negro Baldo
Filho malcriado de uma tia velha
Via com seus olhos de esperto
Luzes onde luzes não havia

Cresce vira forte evita a morte breve
Leve gira o pé na capoeira luta
Bruta como a pedra sua vida inteira
Cheira a manga espada e maresia

Trava com o destino uma batalha cega
Pega da navalha e retalha a barriga
Fofa, tão inchada e cheia de lumbriga
Da monstra miséria da Bahia

Leva uma trombada de amor cigano
Entra pelo esgoto e pula
Chula na quadrilha da festa junina
Todo santo da vida vadia

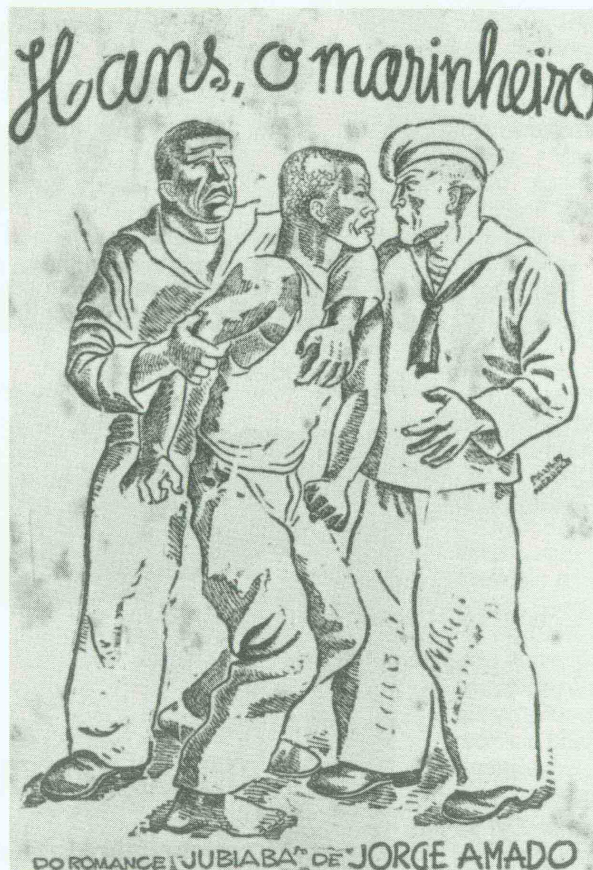
Alya como algodão e tão macia
Como algo bom pra lhe estancar o sangue
Como álcool pra desinfetar-lhe o corte
Como cura para a hemorragia

Tinha a guia que lhe deu Jubiabá
Que lhe deu Jubiabá, a guia

Moça Lindalva morta vira fardo
Alya moça linda e morta faz-se fardo
Carga para os ombros, suor para o rosto
Luta no labor, novo suor labuta
Feito a mão e não mais por magia

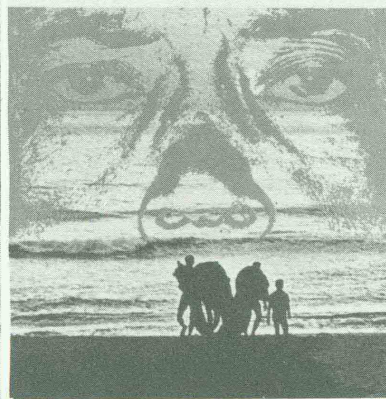
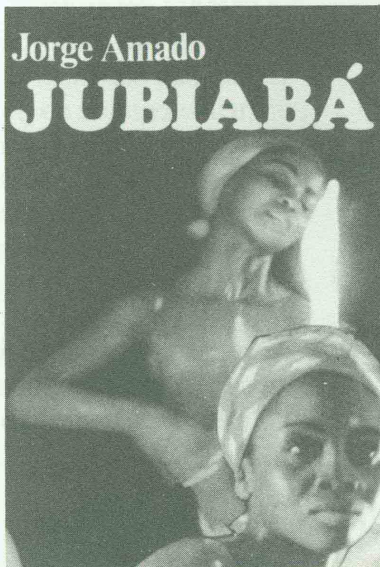
Negro Balduíno belo negro Baldo
Saldo de uma conta da história crua
Rua, pé descalço, liberdade nua
Um rei para o reino da alegria.

Neste ano em que se comemora tanto os oitenta anos de Jorge Amado, quanto os cinquenta de Gilberto Gil, julgo que aqui está apresentado, ainda que de forma sucinta, um primoroso exemplo do que se chama, na teoria da literatura, de intertextualidade. Sendo que neste caso, a meu ver, a cadeia intertextual se desdobra de forma especialíssima já que o personagem nascido na palavra escrita da prosa de Jorge se redimensiona na palavra poética cantada da canção de Gil.



Jorge Amado
JUBIABÁ

Jubiabá
JORGE AMADO



Natural de São Paulo. Contista, poeta, dramaturgo e tradutor, milita, em especial, no campo da literatura afro-brasileira, tendo traduzido poetas como o sul-africano Denis Brutus e o nigeriano Wole Soyinka, Nobel de Literatura de 1986. Com Masuo Yamaki traduziu Tankas de Takuboku Ishikawa, atualmente em 4ª edição, e A Comemoração da Salada, de Machi Tawara, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1992. Publicou Fogo cruzado (Contos), Plano de voo, A Noite não pede licença e Todo o fogo da luta, 1989 — (Poesia). Sua Axé — Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira ganhou o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de 1982: melhor livro de poesia do ano. Entre dentes é sua obra para teatro, ainda inédita. Tem trabalhos traduzidos para o espanhol, inglês, alemão e francês. Foi diretor da União Brasileira de Escritores no biênio 1986/1988.

Outra Gente Nada Estranha

Poesia Negra Sul-africana Contemporânea

Tradução: Paulo Colina

São interessantes os caminhos desse mundo.

A literatura sul-africana é escrita em inglês, africaner, xhosa, zulu, bantu, sotho e outras línguas e/ou dialetos correntes naquele país. Um exemplo: Mazisi Kunene, uma presença maiúscula na poesia sul-africana, que escreve em zulu e traduz, a seguir, seus poemas para o inglês.

Mazisi Kunene faz parte — junto com Christopher Hope, Alex la Guma, Dennis Brutus, Bessie Head (ambos falecidos recentemente), Ezekiel Mphahlele (que retornou a seu país), entre outros — de uma geração de escritores que se exilou ou foi forçada a se exilar entre os anos 50 e 60. Em 1958, foi Diretor do Departamento de Estudos Africanos na Universidade de Lesotho. Em 1962, ele se tornou Delegado-Chefe do Congresso Nacional Africano (ANC-SA, ou seja: African National Congress — South Africa), na Europa e USA, passando a Diretor de Finanças, em 1972. Foi professor

AS RUÍNAS TEMEROSAS

Morcegos pendurados longe do sol
Nas paredes detruídas.
Sombras de um estranho antigo
Fundem sua presença sobre nossos ombros.
Uma trilha conduz ao portão abandonado.
Lá ratos apavorados fogem em terror.
O pássaro solitário pousa na antiga pedra favorita
Canta e sopra a tarde para longe
Tudo cai em uma súbita noite temerosa.
As vozes voltam novamente e se dependuram em um mastro seco
Caminham a êsmo
Falam entre si como se fossem a memória.
Mas os ventos as levam embora
e cobrem seus rastros com a areia do deserto.

Mazini Kunene

INVENÇÃO

a invenção os tinha deslumbrado,
àqueles que venderam suas vidas por espelhos.

a invenção os tem deslumbrado,
àqueles que estão vendendo suas vidas a "por enquanto".

a invenção os deslumbrará,
àqueles que nunca dirão "já"

a invenção aparece, aparece,
sempre aparece
e nós pegamos o trem em marcha da história
nunca parando para perguntar: onde você vai?
nunca parando para dizer: já!

e o Vaal flue como a inocência do luar,
são como pétalas —
as faces dos ancestrais na água —
que luar!
como se as correntes nunca carregassem sangue.
que pétalas, a aparição da morte
aos olhos da tormenta!

Njabulo S. Ndebele

UMA VIDA PERDIDA

Três em ponto
A hora mais escura
O cantar de um galo
O choro de uma criança
Morta de fome
Como a mãe

O despertar de uma dia escuro
Cônjuge da miséria
O corpo da criança que chora
Pende na película de luz
De Kwashiokor
Quem sabe? Quem sabe?
Da esquina do dia o frango cocorica

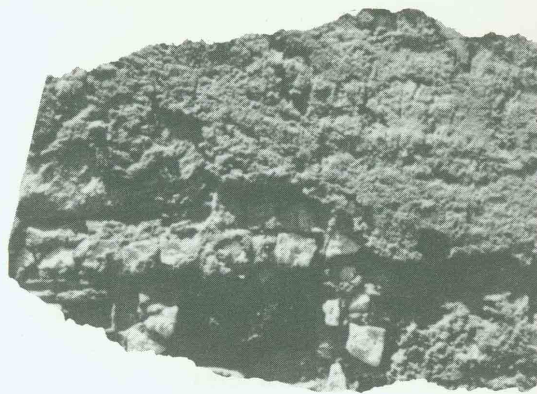
A mãe desperta
Em seus olhos um filme confuso
A faz chorar junto
Com sua criança
Ela embrulha nas mãos
As lágrimas da criança
E com a morte na cabeça
Anda por todo o país

Jumaimah Motaung

visitante, em Nairobi. Atualmente, é professor adjunto de Literatura e Línguas Africanas na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Esteve no Brasil em fins de 1987, participando do 2º Perfil de Literatura Negra — Mostra Internacional de São Paulo, organizado por Thereza Santos. É autor de EMPEROR SHAKA THE GREAT; ANTHEM OF THE DECADES; THE ANCESTORS & THE SACRED MOUNTAIN (todos editados pela Heinemann, London (UK) e ZULU POEMS (pela Andre Deutsch). Meu primeiro contato com ele foi através da antologia NOUVELLE SOMME DE LA POESIE DU MONDE NOIR, Paris, França, Présence Africane, 1965, pelas mãos de Oswaldo de Camargo, jornalista e escritor, que faz parte dessa obra. Voltei a saber de Kunene, por outra antologia A LAND APART — A South African Reader, London, Faber and Faber, 1986. Depois, outros trabalhos dele apareceram em minhas mãos; nos encontramos. Interessantes os caminhos desse mundo.

A partir dos anos 50, muitos livros foram proibidos na África do Sul. Mas de 1963 em diante, a Santa Inquisição foi reinstaurada, via Censura, com banimentos e queimas de livros em praça pública. Nulidade. Nenhum caminho a prosseguir. Toda uma geração ficou órfã da literatura produzida até esse período. Antes dessa reabertura de temporada de caça às bruxas, predominavam, na África do Sul, entre os escritores negros, ficcionistas, biógrafos, ensaístas. Quando se inicia uma nova era na literatura negra sul-africana, a partir de 1968, é a poesia quem predomina. E Njabulo S. Ndebele faz parte dessa nova geração.

Sobre as quatro mulheres que aparecem nesta coletânea, pouco podemos acrescentar além de seus nomes (ou codinomes): Jumaimah



HERÓI TOMBADO

tombaste guerreando companheiro
quebrando entre nós dois a corda da vida
tu que renunciaste a uma vida amada
por vinte milhões desta terra natal
tu companheiro justiça e coragem

não borrarei esta terra
a te prantear... não agora
mas mobilizarei meu desejo

tu que foste silenciado por tua língua honesta
tu que arrancaste a máscara do disfarçado-branco-purificado
sendo de educação escravocrata
e o quê da carcaça por prata revestida do tribalismo que
(abominavas

que importa?
não dispensaste esforço nem vida
para esmagar os criadores desses mágicos bárbaros
agora sem vida descansas aqui em um túmulo fértil
de vinte milhões de corações

agora não te carregarei com as atas riscadas
de gás lagrimogênio em teus olhos jovens
na brutalidade sibilante que o dia foi

não não te carregarei!
estarei muda como o silenciado que (agora) és
mas serei um bumerangue ricocheteando em fúria
para sepultar esta morte
definitivamente

Glória Nkadimeng

REGIME SUL-AFRICANO A BANIU

Eu não aceitaria mudar seus sacramentos
Nenhum óleo para selar meus lábios mente olhos coração.

Então arrancaram minha língua e mutilaram minha mão
Deram-me por penitência o taciturno silêncio
Dias desolados para contar meu rosário
Meu lar minha cela, retirada do mundo dos homens.

Mesmo aqui escondida
Eu respiro penso vivo amo
Meu consolo o amor — que eles odeiam

Sou eu quem ama e eles que odeiam
Eu porém sou infinita.

Phyllis Altman

DESEJOS DE SOWETO

Por favor ponham um revólver
Nesta mão que coça
Pois eu quase provei da vitória
Quando o inimigo ficou pasmo...
As pedras e lanças da palavra contudo
Não perfuram o coração da nossa dor

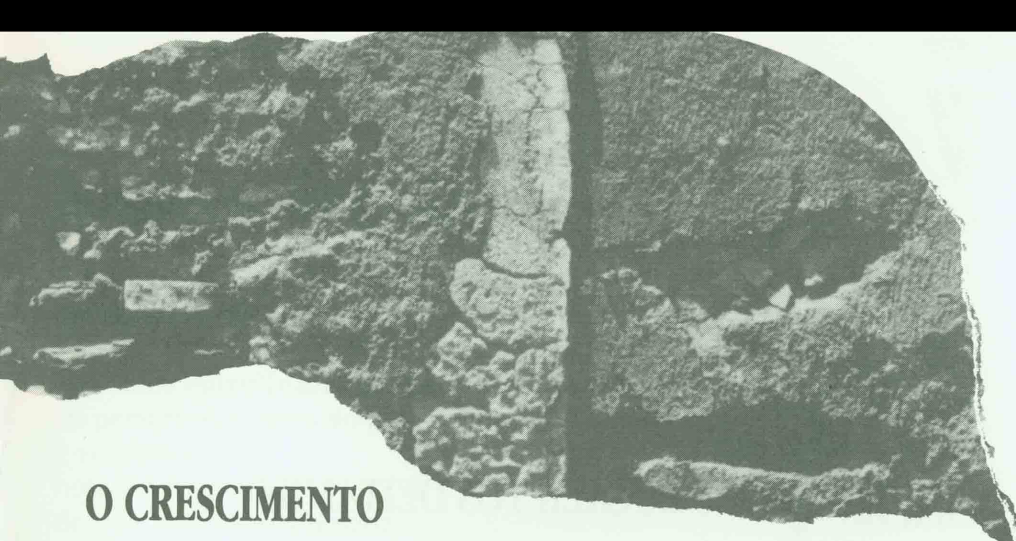
Alguém por favor coloque armas
Nestas palmas que só brincaram com chocalhos
Enquanto acalantos eram cantarolados
Pois eu também tenho ouvido canções
De guerras vencidas por Angola
Mas seus refrões
Não inundarão
Os ecos das frentes dos campos de batalha daqui

De mão armada
Eu poderia sentir o fogo do prazer
Pois seria um com muitos
Cujas lágrimas teria que drenar
Os gritos dilacerados
De corpos estripados
Têm que ser silenciados para sempre

Deixem-me por favor carregar seu peso
nos meus ombros em desenvolvimento
Pois embora eu seja só um filhote
Tenho usado armadura de homem
Sabendo que os feitos
Plantados pelos anos
Fertizaram nossa terra

Devo fortalecer meus tendões
Com a energia do novo despertar
Pois tenho visto criaturas fugirem
E construir icebergs na trilha da Liberdade
Marés vulcânicas porém cobrarão
O namoro com nossos próprios arados
Que deverão lavar a vida

Lindiwe Mabuza



O CRESCIMENTO

Não!
 Não é morte quando as árvores
 Deixam seus ramos
 Se espalharem às cegas através das janelas como dedos nos olhos

E nos deixam incapazes
 De piscar, pestanejar ou mesmo fechar o olho,
 A mente —
 Ramos furando janelas e folhas caindo nos parapeitos
 São como pensamentos incontrolláveis que abarrotam o coração.

Sim,
 Esta é uma aula sobre o crescimento de coisas:
 Se você me empurrar, eu me afastarei de você,
 Se você ainda me empurrar, eu pensarei um pouco,
 Não em lhe empurrar, mas sobre o seu direito de me empurrar;
 Se você ainda me empurrar, eu não o farei, mas pensarei
 Em lhe empurrar.

Se meus pensamentos e mãos se estenderem
 Para podar os ramos e varrer as folhas
 Havia aqui um pensamento crescendo,
 Então palavras, depois ação.
 Assim, se você diz poda ao invés de corte,
 Eu estou lhe ensinando sobre o crescimento de coisas.

Mongane Wally Serote

Motaung, Gloria Nkadimeng, Lindiwe Mabusa e Phyllis Altman. Motivo: elas ainda militam, clandestinamente, no ANC. São irmãs, esposas, soldados. Combatendo polícia, balas, cachorros, o regime. Podem fazer e/ou fazem parte da UMKHONTO WE SISWE (Lança da Nação), o braço militar da ANC. Como nos alerta Sono Molefe, o editor da antologia MALIBONGWE, ANC Women: Poetry Is Also Their Weapon, de onde seus poemas foram retirados: *seus nomes existem, mas são apenas uma história parcial, pois suas identidades completas só serão possíveis depois que a África do Sul esteja livre e com democracia autêntica.*

Representando, ainda a nova geração de poetas negros sul-africanos, há a voz altamente conceituada de Mongane Wally Serote (que incursiona também pela prosa). De uma energia, imagens fortes e líricas, Serote é autor de SELECTED POEMS; YAKHAL'INKOMO (Prêmio Memorial Ingrid Jonker); NO BABY MUST WEEP e BEHOLD MAMA, FLOWERS. Todos de poesia e editados por Ad. Donker (Pty) Ltd, Johannesburg.



Mafika Pascal Gwala é outro promissor poeta dessa geração. Autor de JOL'IINKOMO.

Essa poesia negra contemporânea sul-africana começou a surgir em revistas literárias a partir de 1968. Um marco, a THE CLASSIC, editada pelo falecido Nat Nakasa, que em seu primeiro número publicou poemas de Mafika Mbuli e Oswald Mbuyiseni Mtshali, este, também chamado Mbuyiseni Oswald Mtshali, nasceu em Vryheid, em 1940. É autor de SOUNDS OF A COWHIDE DRUM, publicado por Ad. Donker (Pty) Ltd, Johannesburg, 1971, com prefácio de Nadine Gordimer. Ganhou o Prêmio Olive Schreiner de Poesia, em 1974. Seu segundo livro — FIREFLAMES — foi publicado em 1980 e está banido. Leciona no Pace Commercial College em Jabulani, Soweto.

Escrever. A poesia, desconfio, forma mais rápida de se atingir a consciência.

No Brasil, pelo que existe registrado, o negro escreve desde 1650. Mas poucos escritores negros brasileiros são conhecidos.

Censurar, proibir, queimar, banir, anular, apagar: fórmulas de subjugação que conheço bem, enquanto afro-brasileiro. Prática adotada por alguns dos nossos governos. Na memória recente, o período entre os anos 60 e 80. Liberdade; democracia: brados de reivindicação que já ouvi e ainda terei que ouvir, mesmo aqui, infelizmente. Matuto e concluo que essa gente sul-africana (é dos negros que falo) não me é nada estranha. Insistem na dignidade humana que outras etnias teimam em ignorar. Quanto a mim, não me rotulem "poeta" ou "ser humano": prefiro humano ser. Agora... não sei por que cargas d'água acho interessantes os caminhos desse mundo!

Paulo Colina
Sampa, 26/11/90.

SOB ALTOS EUCALIPTOS DEITAMOS

**Sob altos eucaliptos deitamos
escondidos do luar,
das estrelas e nuvens prateadas do verão.
Nas espessas sombras de altos eucaliptos.**

**Mosquitos pairam ao redor
e sobre nós.
Enxame dos pântanos lúgubres
de uma fábrica próxima de polpa
— como bombardeiros escurecendo os céus do Vietnam.
E enquanto espiralávamos
para o conhecimento
eles nos picaram.
Primeiro você.
Depois, eu.**

**Você não é mais virgem, agora.
Provou
a dolorosa alegria do amor.**

Mafika Pascal Gwala



HOMENS ACORRENTADOS

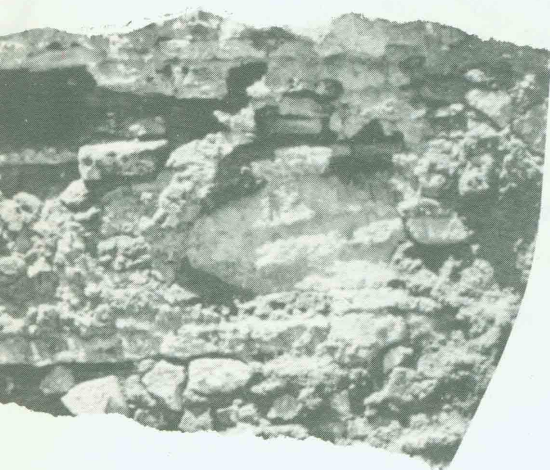
O trem parou
em uma estação do interior,

Por olhos encortinados de sonho
eu perscrutei através do gelo da janela,
e vi seis homens:
homens despojados
de toda dignidade humana
como ovelhas depois da tosquia
balindo ao vento empolado
"Vá embora, vento frio, vá embora!
Não vê que estamos nós?"

Eles cambalearam para dentro do trem
pés descalços,
pulsos algemados,
tornozelos agrilhoados
com argolas de aço como gado nos matadouros
saindo assustado do alçapão.

Um deles com a cabeça
raspada como uma batata
sussurrou ao sol nascente,
um olho vermelho esfregado por um lenço
esfarrapado de nuvens,
"Oh Sol Amado,
não aquecerás meu coração
com esperança?!"
O trem seguiu seu rumo para lugar nenhum.

Oswald Mbuyiseni Mtshali



NA IMENSIDÃO

Trocando a estação mutante
Com uma mão mergulhada na água
O inverno chegou com ímpeto
E cortou a trilha
Ao coração encolhido
Que se tornou um completo indiferente.
Eu então mudei minhas roupas
E mergulhei na água clara
Sacudindo todos os meus membros
Para perder a identidade.
Inconscientemente emergi e fiquei de pé
Braceando o vento do mar;
Frio e rude, fixei sua cabeça
Até que as lágrimas, finas e secas,
fossem espremidas dos olhos.
Petrificado, fixei sua cabeça
Procurando pelo coração das coisas
E dominado,
Cai de joelhos na areia
E pendi minhas mãos nas ondas
Confrontando com meu corpo.
Com um tremor,
Senti o empurrão da terra

Compelindo minha cabeça para o ar
E ouvi uma voz chamando da terra
Ouvi o chamado do país.
E meus olhos começaram a ver pássaros
Varrendo as alturas do céu
E descendo à terra para se alimentarem.
Eu então soube da presença de um deus terreno
Que recebeu minha carne
Que meu umbigo era terra
Fundido no solo
Para criar um homem.

Mafika Mbuli



EN
ALEILTON SANTANA DA FONSECA

Mestre em Literatura Brasileira (UFPb)
Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

CAMILLO DE JESUS LIMA

UM POETA PARA SER LEMBRADO

O poeta conquistense Camillo de Jesus Lima teria completado 80 anos em setembro passado, se um acidente automobilístico não o tivesse vitimado, na cidade de Itapetinga, em 1975. Nasceu em Caetité em 1912, Camillo transferiu-se para Vitória da Conquista aos 19 anos de idade, onde permaneceu trabalhando durante décadas como professor e colaborador de jornais, tendo participação destacada na vida cultural. Em 1937, fundou a Ala das Letras de Conquista, ao lado dos poetas Laudionor Brasil e Clóvis Lima, com a finalidade de promover as atividades artísticas e incentivar a divulgação da literatura em livros, revistas e jornais. Através de periódicos da região, publicou poemas, crônicas e contos e também desenvolveu considerável atividade de crítica literária, produzindo páginas que merecem ser reeditadas.

Na região do Sudoeste, Camillo é conhecido como nome de rua, de biblioteca e de centro de cultura. Como poeta, no entanto, é muito pouco conhecido pelas novas gerações. O poeta deixou publicado sete livros de poesia, entre os quais **As Trevas da noite estão passando...** (1941), **Poemas** (1944) e **Viola Quebrada** (1945), que repercutiram no ambiente literário de Salvador, merecendo a crítica favorável de Carlos Chiacchio, ao afirmar: "Poeta como sempre houve em todos os tempos, alheios a credos, a dogmas, a cânones, que não sejam a liberdade de ser ele mesmo, amigo da arte, escravo da beleza". Além dos livros editados por sua conta, Camillo deixou inéditos quatro volumes de poe-

Mea Culpa

Da árvore que eu plantei por meu castigo
Jamais à sombra hei de dormir, por certo.
Hei de tombar, exausto, no deserto
Ardente e imenso pelo qual prossigo.

Sei, — viajor infeliz, — que muito perto
Há, — no teu coração, — um doce abrigo,
— Sombra que não terei, conforto amigo,
De carícias dulcíssimas referto,

Grilhão ferrenho é o que me oprime e humilha.
Maldito amor, ansiado e condenado,
Que eu nunca possuirei, sendo seu dono!

Mas, por que fui plantar a mancenilha
À cuja sombra se eu dormir, cansado,
Somente a morte há de embalar-me o sono?

SAMUEL

TRÊS POEMAS DE CAMILLO

Minhas Mãos

Nas minhas mãos que eu vi sempre vazias
Alguém, um dia, leu a minha sorte:
Lutarás, sofrerás até à morte,
Bem dizem tuas mãos brancas e frias.

Eis começado um drama de agonias.
E as minhas mãos, as minhas mãos de um forte,
Mil grilhões rebentaram num transporte,
Jogaram pedra contra as tiranias.

Nunca, inúteis, inermes, vis, pararam,
Se abençoaram, com temura infinda,
Foram tremendas quando castigaram.

E haveis de vê-las, para o meu conforto,
Hirtas, crispadas sobre o peito e ainda
Esmagando ideais num peito morto...

Destino de Cigarra

A crer que outrora eu fosse alguém, creia
Ter vivido nos tempo medievais,
A cantar, nos solares ancestrais,
Velhas façanhas da Cavalaria,

Porque eu vivo a cantar, e, dia a dia,
Canto mais triste e canto muito mais.
Cantei grandes paixões emocionais,
Tristezas que eu sentia e alguém sentia.

E, assim, a exemplo da cigarra louca,
Quero morrer do sol de estio banhado,
Enchendo de harmonias o universo...

Ainda cantando em minha voz já rouca
A imensidão do amor sempre cantado
Que eu nunca pude traduzir num verso!

sia, um de crônicas, um de contos e um romance. Trata-se, portanto, de uma produção considerável que merece a atenção dos estudiosos da literatura baiana que merece a atenção dos estudiosos da literatura baiana dos anos 40 e 50. A poesia de Camillo teve uma circulação praticamente restrita à sua região, embora fosse um autor conhecido por vários intelectuais da capital e tenha ganho o prêmio Raul de Leoni, da Academia Carioca de Letras, de Niterói, em 1942. Hoje, sua obra encontra-se quase que inteiramente desconhecida, no aguardo de estudos e edições para que possa ter o seu valor estético determinado, de modo a ocupar o lugar que lhe cabe no panorama evolutivo da poesia baiana.

Em Camillo, a forma do poema sempre está a serviço de uma idéia, uma vez que para ele a poesia tinha uma função social clara. Partícipe do ideal revolucionário da construção de uma sociedade igualitária, o poema era sua tribuna. Sua voz lírica traduzia em metáforas e rimas o clamor contra as injustiças e pela valorização da dimensão humana. Para Camillo, "A poesia não gosta dos homens que são águas paradas de lagos nunca/agitados pelas tormentas..." Daí a sua escolha consciente: escrever poemas que são "cacos de vidro" nas consciências acomodadas. Nessa trajetória, sua poesia em alguns momentos chega perto do panfleto. Mas nunca soa como simples jogos de palavras, pois sinaliza sempre uma intenção de luta — com palavras — que não é vã. Camillo de Jesus Lima é um poeta para ser lembrado.

Nasceu em Vitória da Conquista. Poeta, contista, teatróloga, diplomada em Letras, professora universitária. Publicou "Mulheres Acorrentadas" e "40 Graus de Outono" de onde foi extraído o texto abaixo.

Que cena bonita; pensou emocionada. O homem de pés no chão, peito nu, calças dobradas na perna e o grande balaio na cabeça. O ato de vender nesta liberdade pareceu-lhe sensual. Não pensou no suor nem nos pés e braços cansados. O peito e os pés nus... Podia parar debaixo de uma árvore, numa praça antiga a tirar um cochilo. Mas não podia dormir. Dormir é estar nu. As pessoas precisam do peso das roupas. Entristecida, lembrou-se que era preciso esconder a pele, as vergonhas, o jeito, a gordura, as dobras, os ossos...

A voz gutural de Louis Armstrong põe em seus olhos a nostalgia do outono. Ah! estas cartas sem destinatário. Ah! estas dores com origens tão definidas... Mais que álcool, a música era o socorro. Moonlight... e os bailes que fora há tanto tempo. Sua preocupação com os detalhes que deviam deixá-la linda prenderam seu corpo na masmorra sólida da vaidade e da estética. A beleza nas entranhas. É lá que o sangue jorra. Todos queriam o papel do presente bem embrulhado: pele esticada, bunda firme, seios rijos, as pernas torneadas num rosto angelical. E pensar que acreditava nesta angústia... Como libertar-se da estrada com setas indicativas de chegada e partida?... Tempo contado no esvanecer.

Era uma pessoa comum, apenas, quando podia gostava que a vissem sem pele. Podia parecer estranho... As pessoas, geralmente, a cobriam com léguas de pano envolvendo seu corpo como múmia. Um natural tão traçado e planejado?!... Roupas e normas repetidas por séculos, seculórum.

Os deveres continuavam anotados. A moleza tomava conta do seu corpo. Pensa em cansar braços e pernas nos trabalhos de casa. Tudo deve estar em ordem, numa ordem de todo dia. Os dedos haviam girado o disco e os sinos tocaram no amanhecer. Não havia o que falar. Desgostou-se de sua fraqueza. A divisão estava presente. Quem daria o primeiro passo? Sabia-se sem coragem de abrir as mãos. Do outro lado, deveria cair a lâmina. Sentia o crescendo das batidas; este coração tão assustado... Voltaria para a terra, plantaria, quebraria as unhas e racharia os pés. Haveria fome e comida farta, não importaria o corpo. Corpo nu. O prazer de comer sem culpa. O rosto leve, em paz com as marcas. Jogaria longe as maquiagens. Seus olhos se cobriam de estrelas quando a noite sem lua chegasse. E brincaria de escolher moradas. Seus olhos não estariam parados no teto da casa sólida, vendo o Simum correr bares, tocar nas mulheres, sussurrar convites e dançar nos redemoinhos.

Seus olhos tristes como os de seu cachorro. Era fácil planejar, difícil mesmo era enxergar a verdade, o end, o impossível... Não havia razões. Queria motivos, mas o peso dos anos era ostensivo no termômetro; quarenta graus de febre e o inevitável suor dos deveres baixando a temperatura. Sentiu-se gelar. E se hibernasse como os mamutes presos nos icerbergs? Um dia o sol brilharia e poderia despertar radiosa. Estaria parada no tempo que não mais chicotearia seu corpo. Ah! esta idade... caminho definido, descida à vista, coisa fácil... corrida desabalada para a morte. E pensar que cansara inutilmente seus ombros carregando fardos e fardos no tempo de subida. O amigo fora categórico: seres da mesma idade poderiam ser muito mais velhos. O sexo definira. A idade pesa mais no flanco feminino. Horror! Pensasse no ventre despencado, nos seios flácidos, nos sulcos dos sorrisos... Sabia de tudo, via nas entrelinhas, mas sua boca permanecia amordaçada por suas próprias mãos. O sonho fora tatuado na extensão de sua pele. Avisaram-na que não se apagaria. Lera documentos de vida, histórias iguais... Por que insistia em aprender com a dor? Melhor viver alienada. Haveria diferença entre ser feliz e sofrer menos? Não, não sabia, nem o fizera. Continuava aguardando o milagre da volta. Lembrava-se que dissera parecer vê-la em sua vida de treze anos. Quem estaria louco? Quem não vira o filme realista? Esta esperança de viverem felizes para sempre...

Nunca vira ele, nela, qualidade. Talvez desafio e concorrência. Calara-se. Ela falava sozinha, aí para o bar de sua casa, bar discreto sem fregueses. Apenas fantasmas se achegavam no compasso da música escolhida. A casa adormecida, ela usando o negligê que se abria com o calor do álcool.



pretexto

és o meu pretexto
o pretexto paga um preço
colo um troço no pretexto e me aqueço
esqueço que sou triste assim.

és o meu pretexto
pagas um preço tamanho
ficas no lugar do estranho, entranhado vazio.
és o meu pretexto
adivinhas teu texto.

sábado

tenho uma saudade difusa
luzes acesas.
o frio atravessa a sala
tristeza exata.

o frio insiste
(um frio arrastado de uma tarde de sábado).
estórias e lembranças
na pele um barulho:

o açoite da chuva na noite

Cacilda Póvoas

Atire em Sofia:

Uma questão insistente, na cena da crise ocidental, é a da divisão normalizada entre masculino e feminino. Diante dela, ninguém pode negar o recalamento do feminino, ao longo da história da razão. Que o falo patriarcal, todo-poderoso, tenha expulsado da cena a mulher é hoje uma evidência. O feminino, desde então, fez seu mergulho nas sombras da História, tornando-se um fantasma sem nome, sem identidade, sem ser.

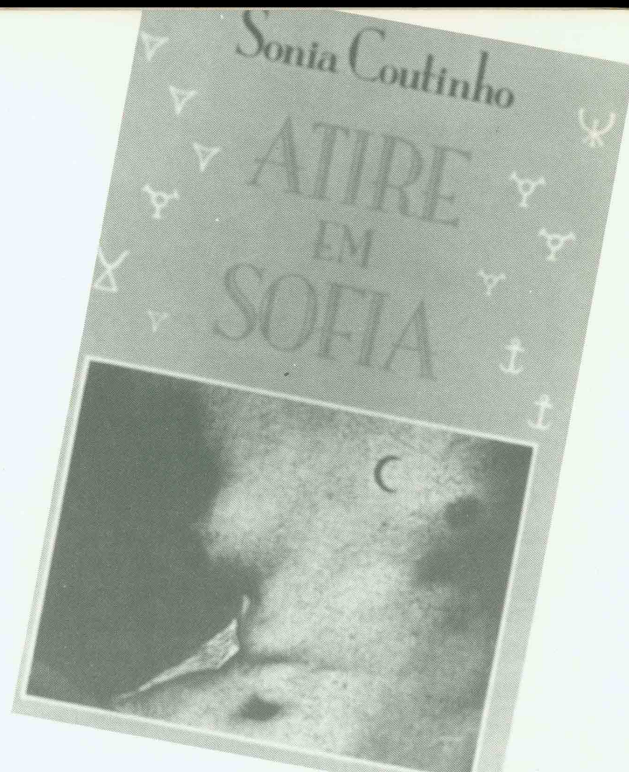
Ao estudar o assunto, o poeta Affonso Romano de Sant'Anna observa, citando Ida Magli, que, desde a civilização grega, a razão veio-se identificando cada vez mais ao falo que, por sua vez, pertence ao patriarcado e ao reino do simbólico. Porém, ainda segundo Affonso Romano, enquanto o masculino engendra as regras da cultura, repassadas, aliás, pelas próprias mulheres, aquele feminino anônimo é obrigado a reduzir-se cada vez mais a um corpo-objeto, fruto de um imaginário constituído no campo falocrático do mito e da História.

É dessa forma, corpo-objeto, que a mulher comparece na cena erótica ocidental, enquanto, intrigantemente, o corpo masculino daí se retira, limitando-se à exibição talvez apenas no campo das artes plásticas.

A partir do século XIX, porém, este sujeito do discurso falocrático começa a se ver banido dos próprios modelos de filiação paterna. É a crise da razão ocidental, crise também de um masculino que passa agora a desejar a mulher-objeto, nela projetando os fantasmas de seu próprio corpo mutilado e perdido.

Perversamente, ele começa a desejar cada vez mais a mulher como a si mesmo, imagem perdida, corpo esfacelado, surpreendido na contemplação do abismo, da noite e das sombras.

É o desejo do **outro**, que retorna no poeta da Modernidade cujo paradigma foi identificado por Walter Benjamin em Baudelaire. O feminino, então, passa a encarnar a alegoria por excelência da Modernidade errante, sem rosto, anônima, nostalgia do seu outro. Razão ocidental vagabunda, perdida, perversa enfim. É nesse ponto que a poesia assume mais ostensivamente a encarnação do mal: "o poeta diabólico aceita-se como hermafrodita, completando a ideologia do decadentismo do fim do século XIX". Não só Baudelaire, como Rimbaud, Oscar Wilde, Lautréamont aí se situam, entre outros.



Em plena crise da passagem do século, a poesia foi resgatada pelo saber ocidental como a quintessência do poder do discurso de sondar os abismos, de saturar as brechas entre a trágica constatação da impossibilidade de um conhecimento seguro e do insistente desejo humano de desvendar os mistérios do Real. Esta concepção trágica da verdade veio balizando toda a busca filosófica do século XX. Hoje, quando se fala em pós-modernidade, presencia-se talvez não "um pensamento fraco", mas um pensamento que se vale de outras categorias que não somente as da razão. Todo o campo das Ciências Humanas progride e renova a própria razão, acolhendo o mito como uma outra possibilidade de se pensar o Real.

Se as ciências assim procedem, que dizer da arte? Nela o estranho, o não-nomeável, o que só pode ser percebido num rápido clarão, e de modo teatralizado, tem um legítimo campo de experiência. É a razão barroca, razão feminina, no seu abrir-se às sombras e aos fantasmas que vem atuar no campo da arte, rompendo as fronteiras do Real, entrelaçando, nesse procedimento, Eros e pensamento.

Uma nova razão antiquíssima que causa choque, surpresa e passividade no fruidor. Portanto, arte de enigmas e de maravilhas. De abertura e fechamento. Arte atravessada pelo Outro que lhe rompe o plano com efeitos de raio e de fascínio. Terror e gozo barrocos. Desarmonia e assimetria. Estética do fragmento e da alegoria como "fala do outro".

São lições de abismo como estas o que nos tem a revelar o espelho da ficção de Sônia Coutinho. Lendo **Atire em Sofia**, o estranho, o anormal, o esquisito é o que, principalmente, fascina o leitor de Sônia, a despeito da trama policial em que consiste a história narrada.

A espetacularidade dos monstros, os mitos demoníacos femininos (Lilith, as Harpias, Equidna, Iansã) são procedimentos alegóricos de que a autora lança mão para falar da questão de Sofia, personagem que é um ponto de intersecção de mulheres pertencentes a três gerações suces-

Lições de Abismo de Sônia Coutinho

sivas. O material mitológico constitui verdadeira recuperação do imaginário coletivo feminino, nutrido na sombra e no terror.

A narrativa abre-se e fecha-se com a recomendação de Fernando, um professor de grego cuja vida foi um exercício de equilíbrio e comedimento. O memorialismo, proustianamente ativado no ato de folhear o velho álbum de fotografias dos tempos escolares, leva-o, contudo, diferentemente do narrador proustiano, à experiência do fantástico.

Diante dos acontecimentos do último verão, que procura racionalmente organizar, Fernando permanece passivo, assombrado. Em sua "poltrona confortável", ele vive, paradoxalmente, a experiência do desconforto e da perda de equilíbrio. A poltrona torna-se mágica e Fernando nela "viaja", como se estivesse mergulhado "naquilo que cada um de nós traz nas dobras do inconsciente, nosso gozo ou nosso terror".

O que é o real? O que é fantasia? Fronteiras que o personagem, a despeito de todo seu preparo clássico e conhecimento das Leis, já não pode demarcar. Na pretensão de reduzir o tempo dos trópicos ao passado greco-ibérico e à busca do equilíbrio e ordem, Fernando constata a falência de seu modelo para medir aqueles acontecimentos do verão.

No final, vê-se obrigado a admitir que "a cidade terá cumprido, mais um vez, sua inescapável vocação para a mestiçagem e o conagraçamento". Ou ainda, "quem sabe, não foi real, mas inventado por ele, nesta poltrona, num jogo de imaginação".

Seja como for, o romance de Sônia Coutinho traz-nos de volta à cidade da Bahia (e a seu contraponto, o Rio), resgatando-a em toda sua magistral beleza barroca, feita de contradição, fusões e alquimias.

Como Fernando, Sofia, a protagonista, também viaja "numa rede". Culpada, a mulher Sofia busca sentido e justificativa para suas ações, numa volta a Salvador, após longa ausência. No final, a constatação trágica de que isto é impossível, de que não se sabe a verdade.

Como o de Fernando, o retorno ao passado de Sofia revela-lhe o "outro", de tal modo que, à medida que o texto progride, ela se reconhece, esquizofrenicamente, duas Sofias.

Sofia é a mulher-demônio, cuja possessão aparece como o contrário da Lei, filha da Razão. Por isso, deve morrer. Mas sua filha grávida, Milena, anuncia um novo tempo.

Os personagens apresentam-se, na narrativa, sempre referidos a um duplo. A oposição Fernando/Sofia, por exemplo, corresponde à antítese Lei/Transgressor, um sendo, irremediavelmente, o outro do outro. O personagem João Paulo tem em seu duplo, Stingo, um pseudônimo como romancista. Stingo é o contraponto à sua própria falta de definição e importância. No livro que escreve, transforma-se no trio Laura/Sofia/Ele mesmo, revelando-se, na ficção posta em espelho prismático, o esforço para dar conta do todo e talvez, assim, contornar o Real.

Paralelamente ao esforço de reunir o disperso, a estética do fragmento é levada às últimas conseqüências, através do deslocamento constante do foco narrativo. O narrador torna-se espaço de sustentação provisória dos sujeitos-itinerantes do discurso narrativo.

Ao longo da narração, as personagens deliram, deixando o texto permanentemente atravessado por vozes estranhas que chegam à página em itálico. Esse espalhar-se constante dos enunciados acaba por não apontar um sujeito da enunciação propriamente dito, evitando a narrativa, assim, um centro definitivo.

O espaço da enunciação afirma-se barroco porque não garante às personagens que nele transitam nenhuma outra inscrição, a não ser a da vertigem e a da loucura.

Muito ainda haveria a dizer. Contento-me, porém, em registrar o caráter abismal de *Atire em Sofia*. Um texto de enigmas, de alucinações, abrindo-se ao metatexto em seu espaço "cubista", a todo instante recortando uma cena com a outra. Torna-se assim inevitável o acúmulo de detalhes e citações. Mas é esta a bruxaria de Sônia/Sofia, oferecida a seu leitor: um prato cheio. Como supremo sabor, a revelação desta cidade onírica, cidade-ilha, serpenteando no eixo Rio-Bahia.

O final da narração conduz à contemplação de pôr-do-sol, agonia do Ocidente, em plena Baía de Todos os Santos, cujas chamas transformaram-no em surpreendente festa.

BIBLIOGRAFIA

- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. *La Raison Baroque*. Paris, Galilée, 1984.
COUTINHO, Sônia. *Atire em Sofia*. Rio, Rocco, 1989.
SANT'ANNA, Affonso Romano. *O Canibalismo Amoroso*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

dis posi ção de um acaso

FISSURA
DE
PEDRA
MEDRA

ÁGUA

PURA A LUA LAGOA ESPELHO FUNDO

SEM
FUNDO TÁCTIL

ao lado do meio fio

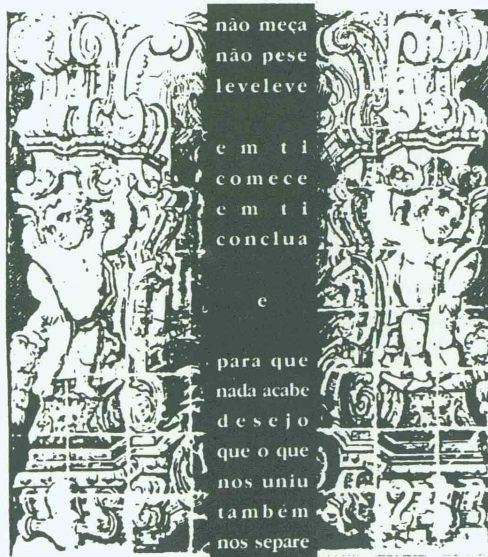
LINHA RETA

OCEANO

GRITA

NÃO HÁ CONTENTE NO POUCO E NO FÁCIL

bastidor



**Nessas três letrinhas,
o melhor
da língua portuguesa.**

E X U

**Nessas, o melhor
da língua inglesa.**

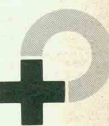
U E C

Doutor Jorge e a receita da vida eterna.



► Só mesmo um gênio como o nosso Jorge Amado para criar tantos personagens imortais ► Tipos inesquecíveis, capazes de atravessar as fronteiras do tempo e dos continentes ► Eternos, mesmo quando morrem, renascem cheios de vida na memória de seus fiéis admiradores ►

Quem tem Jorge Amado tem mais Bahia.

Promédica 
Quem tem promédica tem mais saúde.

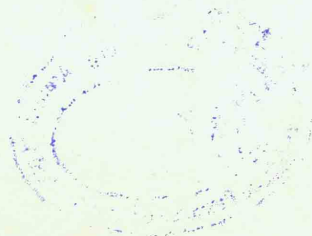


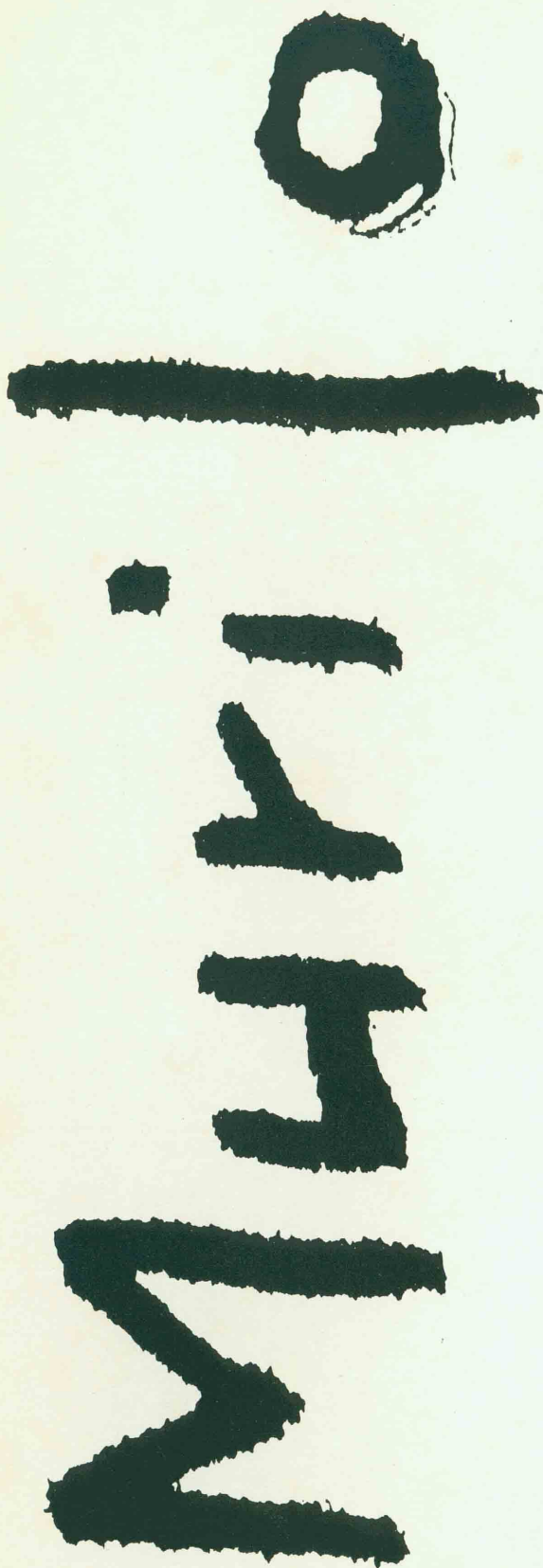
MURILO

Poderia denominá-lo de um narrador, pois o assunto é esta nossa terra, sua gente e sua vida, suas histórias, e, em alguns casos pela poetização da prosa — igual a conversa de fim de tarde jogando gamão ou dominó na sombra da casa da praça numa cidade do interior do Nordeste brasileiro —, o alcance de denúncia. Neste ponto o social e o onírico, são histórias vívidas ou inventadas, o que dá no mesmo em muitos dos casos, interagindo contra a sanha e a angústia dos poderosos (é deste jeito que eles se nomeiam ou se consideram), a miséria produzida para o lucro e o dinheiro fácil. Enfim, seu tema é o homem, este na sua visão de mitos populares, do seu cotidiano, dos seus amores, de sua religiosidade pagã de povo.

Mas poderia denominá-lo também de poeta, pois tem a cor, e nesta não estou falando de suas figuras, personagens que lhe são caros, negros e mulatos, mas na cor da pintura, razão maior de sua existência como arte, e onde ele vai buscar sua grande expressividade. Seu colorido é impar, vindo de tons escuros, o preto, chegou a fazer toda uma mostra, “Astronautas Nordestinos”, onde esta era a tônica, até o atual momento onde as cores claras estão em evidência. Desta pesquisa acarreta uma percepção de figura e fundo, de movimento, que hoje possuem os seus trabalhos, a uma significação recriadora — de uma cor brasileira e nordestina, onde esta é vida — para saber disto basta olhar uma fachada de cidade do interior do Nordeste, ver a lona de um circo mambembe, dar uma parada no interior de um armazém, andar por alguma festa ao largo da praça da Matriz, para que entendamos o que está dito aqui. É o espontâneo sendo gerador de uma arte que nesta recriação exarceba sua poesia.

Assim, narrador e poeta, posso dizer que minha identificação com Murilo ultrapassa a vivência de geração e a crença de uma arte que seja um corpo a corpo com a vida. A rua é muito além do que apenas um outro lado do muro. Sua pintura é o sentimento e a visão de um dia a dia, histórias que cada um de nós vivendo o seu aqui e agora estamos a realizar com nossas ações e omissões.





Murilo nasceu em 1955. Penedo — Alagoas. Começou autodidata a pintar no ano de 1970. Cinco anos depois ingressa na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Suas primeiras mostras individuais foram em Salvador e João Pessoa, em 1976, ano em que participou também de diversas coletivas, da Bienal Nacional de São Paulo. A partir daí, numerosas exposições no país, destacando-se Salão de Artes Plásticas do IV Festival de Arte de São Cristóvão, Sergipe, onde obteve Menção Honrosa. Diversas premiações em Salões Universitários nacionais e no IV V Salão Nacional de Artes Plásticas. Nas mostras Cadastro, Proposta e I Encontro de Artistas Nordestinos, todas no Museu de Arte Moderna da Bahia — Salvador. Arte Bahia Hoje, Galeria Arte Global, São Paulo, percorrendo também Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife, Florianópolis, Porto Alegre, Aracaju, Curitiba, João Pessoa, Goiânia e Cuiabá. Prêmio em Concurso de Projetos Artísticos com o projeto "Um homem sem Casa é um espantalho" pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, Museu de Arte Moderna em Salvador. É cenógrafo, com trabalhos de grande sucesso.

